



SIEESP

ANO 23 • Nº 261

DEZEMBRO • 2019

PUBLICAÇÃO MENSAL DO SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO

ESCOLA PARTICULAR

A CONTRIBUIÇÃO DA NEUROCIÊNCIA PARA A PRÁTICA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO





Cantinas do Tio Julio

ADMINISTRADORA DE CANTINAS, REFEITÓRIOS E RESTAURANTES
DA REDE PARTICULAR DE ENSINO EM TODO O BRASIL



Alimentando o Futuro

15%

DESCONTO

Professores e Funcionários ao aderirem ao Cartão Pré-Pago.

Professores(as) e Funcionários(as) que aderirem ao cartão pré-pago das Cantinas do Tio Julio terão 15% de bonificação a cada recarga realizada, ou seja, a cada recarga de R\$100,00 o valor se transformará em R\$115,00 para o consumo de todos os produtos comercializados na Cantina, Refeitório ou Restaurante.

35%

BLACK YEAR

Desconto especial no valor de tabela para o ano letivo.

Pais, responsáveis e consumidores em geral, terão 35% de desconto ao aderirem a promoção Black Year - Pacote Anual para consumo de lanches e refeições, promoção válida somente até o dia 31 de março de cada ano letivo.



BOAS NOTAS

se transformam em Lanches Gratuitos na sua cantina.

Suas Notas podem se transformar em Lanches na sua Cantina, Refeitório ou Restaurante. A cada avaliação bimestral ou trimestral realizada pelo colégio a Direção oficializará os três alunos mais bem colocados e os mesmos ganharão um mês de lanche grátis entre um salgado de forno e um suco a escolher.

NAVEGUEM EM:

facebook.com/cantinas.tiojulio
instagram.com/cantinasdotiojulio
www.cantinasdotiojulio.com.br

SOLICITE A SUA AMIZADE EM:

facebook.com/juliocesar.salles.3192

CONTATOS ATRAVÉS DO E-MAIL:

cantinasdotiojulio@gmail.com ou
cantinasdotiojulio@ig.com.br

OBS: Devido atuarmos em todo o Brasil, nossos contatos são realizados somente através dos e-mails citados acima, sendo todos respondidos no mesmo dia e no mínimo uma vez pela manhã, tarde ou no fim do expediente do mesmo dia.



OS DOIS LADOS DA BALANÇA

O Governo tem sinalizado que a reforma tributária já não seria tão prioritária quanto a algum tempo atrás, devendo ficar mesmo para 2020, demonstrando interesse em aprovar primeiro a reforma administrativa - que visa acabar com os privilégios do setor público, acelerar as privatizações, além de focar propostas de mudanças no Orçamento, nas regras de fundos públicos, e na alteração da distribuição de recursos para União, estados e municípios.

Além da proposta tributária do Governo, ainda não encaminhada, tramitam no Congresso dois outros projetos. O da Câmara dos Deputados (PEC-45) é o que causa mais estragos e prejudica sobremaneira o segmento de escolas particulares, pois eleva a incidência média de impostos da faixa de 5,65% a 8,65% para estratosféricos 25%, pelo menos triplicando a carga tributária e afetando a sobrevivência de nada menos do que 43.500 escolas em todo o País.

Não é retórica afirmar que esse tipo de descalabro tribu-

tário coloca em risco o futuro de cerca de 15 milhões de crianças e jovens. Isso porque não é com um simples passe mágica que a educação pública poderia absorver, de uma hora para outra, tamanho contingente, equivalente à população da Bahia.

A PEC-45 também destrói o amanhã de quase 10 milhões de pessoas que, direta ou indiretamente, fazem parte das famílias de professores, educadores, coordenadores, funcionários e gestores. São mais de 43 mil escolas particulares em todo o País, que investem pelo menos R\$ 220 bilhões anuais. E, ainda assim, já pagam encargos diretos de 28% sobre a folha salarial e de 14% do faturamento, além de outros impostos que oneram a atividade, tais como IPTU, IRPJ, CSLL, IOF, ISS etc.

A contribuição inequívoca prestada pela escola particular ao desenvolvimento da Nação ao longo de décadas nos permite cobrar, sim, que sejamos ouvidos e respeitados. A reforma tributária não deve servir simplesmente a um caráter meramente arrecadatório, de só favorecer

A reforma tributária não deve servir simplesmente a um caráter meramente arrecadatório

um lado da balança e punir o outro, a iniciativa privada. Assim, não há equilíbrio. Deveria servir a um propósito maior, de favorecer o crescimento, reduzir o desemprego e buscar uma educação de mais qualidade.



imprensa@sieesp.com.br

DIRETORIA

Presidente

Benjamin Ribeiro da Silva
Colégio Albert Einstein

1º Vice-presidente

José Augusto de Mattos Lourenço
Colégio São João Gualberto

2º Vice-presidente

Waldman Biolcati
Curso Cidade de Araçatuba

1º Tesoureiro

José Antônio Figueiredo Antório
Colégio Padre Anchieta

2º Tesoureiro

Antônio Batista Grosso
Colégio Atomo

1º Secretário

Itamar Heráclio Góes Silva
Educ Empreendimentos Educacionais

2º Secretário

Antônio Francisco dos Santos
Sistema Educacional São João

DIRETORES DE REGIONAIS

ABCDMR

Oswana M. F. Fameli - (11) 4437-1008

Araçatuba

Waldman Biolcati - (18) 3623-1168

Bauru

Gerson Trevizani Filho - (14) 3227-8503

Campinas

Antonio F. dos Santos - (19) 3236-6333

Guarulhos

Wilson José Lourenço Júnior - (11) 4963-6842

Marília

(14) 3413-2437

Ribeirão Preto

João A. A. Velloso - (16) 3610-0217

Osasco

José Antonio F. Antório - (11) 3681-4327

Presidente Prudente

Antonio Batista Grosso - (18) 3223-2510

Santos

Ermeneildo P. Miranda - (13) 3234-4349

São José dos Campos

(12) 3931-0086

São José do Rio Preto

Cenira Blanco Fernandes Lujan - (17) 3222-6545

Sorocaba

Edgar Delbem - (15) 3231-8459

DEZEMBRO DE 2019 - Edição 261

PRODUÇÃO EDITORIAL

Editor-chefe:

Marcos Menichetti - MTB 12466

Colaboradores:

• Ana Paula Saab • Antonio Higa
• Carlos Alberto Nonino • Ulisses de Souza
• Clemente de Sousa Lemes
• Ivaci de Oliveira • Jocelin de Oliveira
• José Maria Tomazela • José Rodrigues

www.sieesp.com.br

Rua Benedito Fernandes, 107
Santo Amaro - São Paulo - SP
CEP 04746-110 - (11) 5583-5500

Para anunciar:

comercial@sieesp.com.br

Impressão: Companygraf

Créditos das fotos: katemangostar
- vectorpocket - iconicbistary -
macrovector - kjpgarter - starline - freepik
- creativeart - vectorpouch

Os artigos assinados nesta publicação são de inteira responsabilidade dos autores.

3

Editorial

Os dois lados da balança

5

Matéria de Capa

A contribuição da neurociência para a prática da alfabetização e letramento

10

Opinião

Solução possível

12

Inclusão

Tecnologias a serviço da inclusão

16

Fidelização

Onde estão as matrículas?

20

Internet

Internet completa 50 anos de polêmicas

24

Práticas Inclusivas

Educação é um direito, incluir todos é o nosso compromisso

28

Psicologia

Professores, personalidades e o Big Five: Teoria dos Cinco Fatores

34

Jurídico

O que o seu contador pode fazer pela sua empresa além da própria contabilidade?

38

Enem

O ranking saiu e agora? As notas do Enem

42

Censo 2018

Escola particular mantém crescimento

52

Obrigações

54

Cursos

A CONTRIBUIÇÃO DA NEUROCIÊNCIA PARA A PRÁTICA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Nos últimos anos, alguns estudos têm investigado a relação entre a consciência dos sons que compõem a fala com a aprendizagem da leitura e da escrita, o que chamamos de consciência fonológica. Estes estudos sugerem que a consciência fonológica constitui um fator importante para este tipo de aprendizagem. Aprender a ler e a escrever não acontece naturalmente

como aprender a falar. Trata-se de uma tarefa extremamente complexa, que envolve inúmeras competências cognitivas e emocionais.

Para facilitar a iniciação da leitura e da escrita, é necessário que haja a reflexão sobre a oralidade e a consciência da capacidade de segmentação da fala em frases, das frases em palavras, das palavras em sílabas e das sílabas nos sons que as compõem. Para que o código al-

fabético aconteça, é preciso saber que a língua oral é formada por unidades linguísticas mínimas: os fonemas, que são os sons da fala e que os caracteres do alfabeto representam, na escrita, dessas unidades mínimas.

Há mais ou menos duas décadas e meia o ensino tradicional vem perdendo força. O papel do professor tem sido destacado como facilitador do processo de ensino



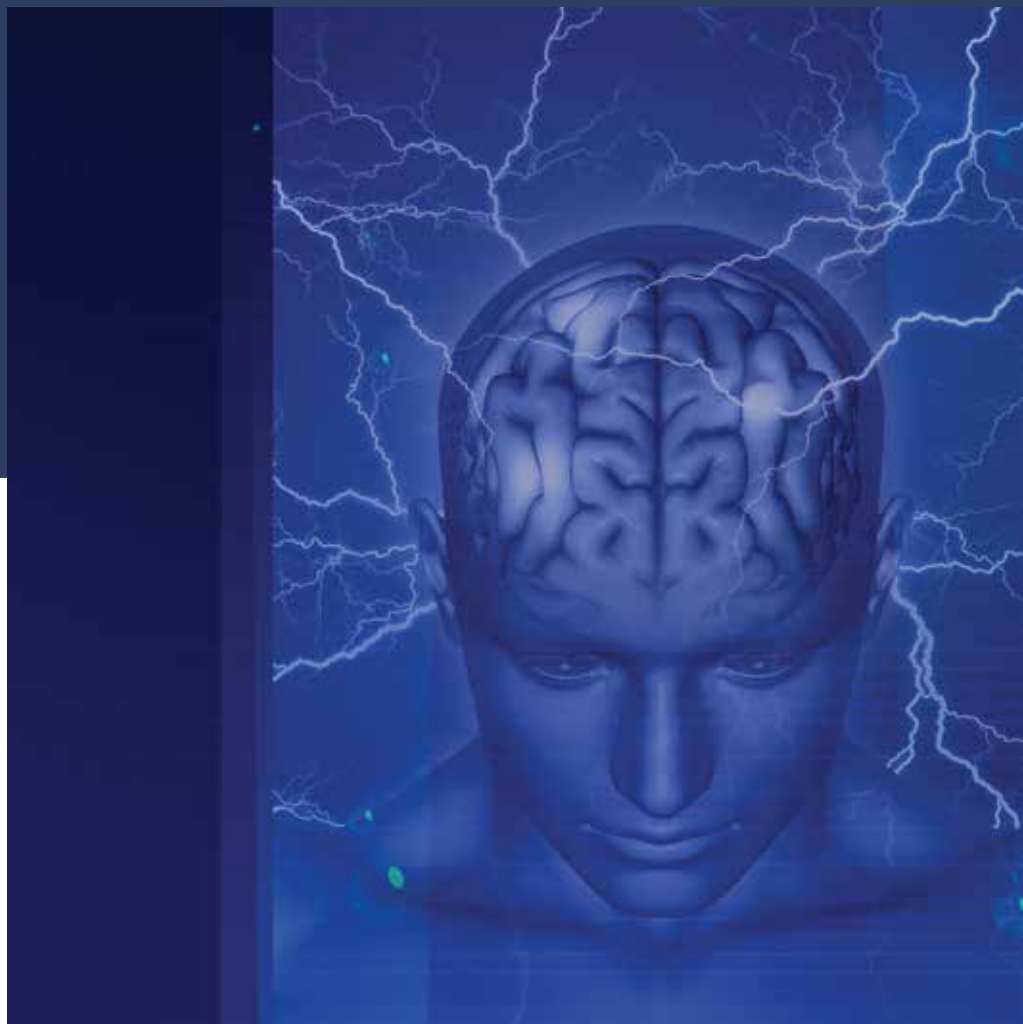
É preciso saber que a língua oral é formada por unidades linguísticas mínimas



Houve grande destaque de estudos mais aprofundados sobre o funcionamento do cérebro, através do mapeamento cerebral

e aprendizagem, e não mais como detentor de todo o conhecimento. Com isso, o aluno passa a ser o centro da aprendizagem. Por conta deste rompimento, alguns aspectos ganharam destaque. Um deles é o próprio o sistema de ensino e aprendizagem, referindo-se à diferenciação entre alfabetização e letramento e o avanço no campo da neurociência com foco na educação, onde há maior condição de compreensão do cérebro humano e seus mecanismos envolventes no processo de ensino e aprendizagem. O aluno dispõe de maiores condições de compreender o seu mundo e o mundo a sua volta, com autonomia para atuar sobre ele, no lugar de apenas ensinar-lhe a escrita, habilitando-a à leitura, mas sem capacitá-lo para entender aquilo que ele está lendo.

Para compreendermos um pouco melhor, vamos à definição do que vem a ser o letramento. O letramento nada mais é do que a condição de ser letrado. É ter a capacidade de interagir e contextualizar tudo à sua volta. Já uma pessoa alfabetizada não é necessariamente uma pessoa letrada. Quem é alfabetizado apenas sabe ler e escrever. Portanto, é necessário que haja a distinção entre alfabetização e letramento, e que também haja a preservação quanto a peculiaridade de cada um desses processos; mas, ao mesmo tempo, que se afirme sua indissociabilidade e interdependência.

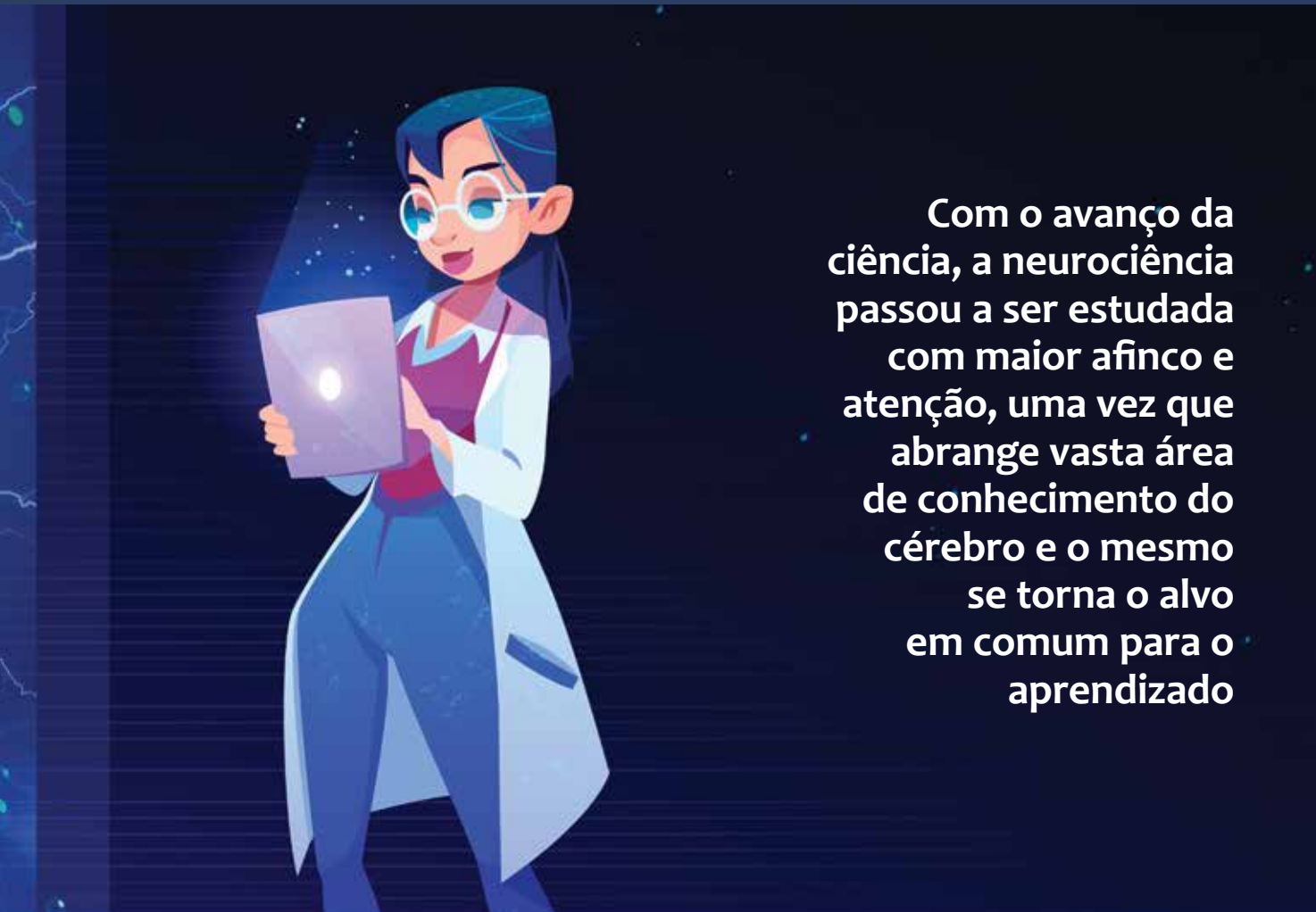


Em 1990, na conhecida “década do cérebro”, houve grande destaque de estudos mais aprofundados sobre o funcionamento do cérebro, através do mapeamento cerebral, demonstrando maior precisão às pesquisas nesta área. Antes desse período, apenas os cérebros dos indivíduos que faleciam poderiam ser estudados, ou seja, indivíduos pós morte.

Com o avanço da ciência, a neurociência passou a ser estudada com maior afinco e atenção, uma vez que abrange vasta área de conhecimento do cérebro e o mesmo se torna o alvo em comum para o aprendizado. A neurociência consiste no estudo sobre o sistema nervoso e suas funções, além de suas estruturas, seu desenvolvimento motor, emocional e comportamental. O estudo das disciplinas a seguir compõem as neurociências, a saber: a neuropsi-

cologia, que estuda a interação que há entre a atuação dos neurônios e as funções ligadas à área psíquica; a neurociência cognitiva, campo de estudo da capacidade cognitiva do indivíduo; a neurociência comportamental, que procura estabelecer uma ligação entre as emoções e pensamentos e ao comportamento físico do indivíduo; a neuroanatomia, que é uma das partes mais complexas da neurociência, e tem por objetivo compreender toda a estrutura do sistema nervoso; e, por fim, a neurofisiologia, área que dedica-se ao estudo das funções ligadas às estruturas anatômicas do sistema nervoso. Como tudo em nossa vida se relaciona ao cérebro, essa interdisciplinaridade torna-se perfeitamente justificável.

Como pontuado anteriormente, a neurociência preocupa-se com os mecanismos neurobiológicos



Com o avanço da ciência, a neurociência passou a ser estudada com maior afino e atenção, uma vez que abrange vasta área de conhecimento do cérebro e o mesmo se torna o alvo em comum para o aprendizado

do cérebro, dando maior ênfase de como os processos cognitivos acontecem. O entendimento de como estas informações processadas contribuem diretamente para as práticas docentes, onde os professores possam desenvolver um trabalho, de maneira que os alunos desenvolvam a capacidade de compreender o contexto da realidade à sua volta.

Aos textos trabalhados de acordo com a realidade e contexto dos alunos, com base na leitura significativa, podemos os denominar de letramento. O processo de letramento não ocorre através de textos, onde muitas vezes está bastante distante do alcance e da vivência dos alunos. Na pedagogia do “letrar” está mais direcionada aos professores que desempenham a função de ensinar as crianças a ler e escrever. A leitura que pos-

sui significado ao aluno torna-se infinitamente mais empolgante, atraente e motivadora, devido à compreensão de que o aluno tem diante de sua realidade de vida e aos seus interesses. Podemos arriscar a dizer que, na verdade, o letramento não se ensina; ele se pratica.

Os estudos sobre o cérebro nos mostram que a capacidade de agregar dados novos a informações já armazenadas na memória através de relações entre o novo aprendizado e o aprendizado já conhecido, caracteriza-se pelo mecanismo da plasticidade cerebral, ou seja, temos infinita capacidade em aprender qualquer coisa e adaptarmos ao que é novo. Para que tudo isso ocorra durante o processo de ensino e aprendizagem, o professor não pode permanecer utilizando os métodos tradicionais para ensinar, como no passado,

onde o aluno era mero “depósito” de conteúdos sem o menor sentido e valor para ele, baseados em decorar e não realmente aprender.

Quanto mais aprendemos pelo desejo inato que possuímos, quanto mais o cérebro é usado, mais as conexões cerebrais (sinapses) se desenvolvem. A este fenômeno podemos chamar de sinaptogênese. Assim, fica nítido que para aprender é preciso ser apresentado a novos estímulos e desafios. As sinapses são os locais onde acontece a comunicação entre os neurônios, e onde se formam e armazenam a memória, através do disparo de sínteses de proteínas, liberação de neurotransmissores e da ativação dos genes da célula para que ocorra o armazenamento de informação. Desta forma, havendo o aumento de conexões, haverá o aumento da memória.



É importante ressaltar que sem a memória não há aprendizagem. Porém, para que ela exista, é necessário que duas funções cognitivas estejam em plena harmonia: a percepção e a atenção. Delas dependerá o aprendizado de maneira geral. Sem os processos atencionais, não há processos de percepção, principalmente visual e auditiva. Sem a atenção executiva e a consciência não acontece a aprendizagem escolar, justamente porque as memórias não se formam, e não existem as condições necessárias para as atividades de análise e síntese. Além disso, a formação de redes neuronais de relações entre os conceitos não acontece também.

A combinação da neurociência com a educação é de extrema relevância para que o professor conheça o funcionamento do cérebro e assim, possa estimular os processos de aprendizagem. Cabe ao professor estimular, motivar, e principalmente ter em mente em suas práticas pedagógicas que existem

muitos cérebros, cada um com sua história, sua maneira de sentir, sonhar, se emocionar; porém, todos com uma enorme capacidade de aprender. Cada indivíduo aprende no seu tempo e da sua maneira.

A neurociência pode auxiliar nesse processo, mas é de fundamental importância deixar claro que ela não contribui oferecendo métodos didáticos para o contexto escolar e também não dispõe de técnicas pedagógicas, mas, sim, contribui na compreensão do processo de ensinar e aprender, fundamentando cientificamente o funcionamento do cérebro para todo o processo de ensino e aprendizagem, no que tange o desenvolvimento motor, comportamental e emocional do indivíduo.

O ato de aprender envolve o sistema emocional. Portanto, as emoções são parte integrante da motivação, gerando a disponibilidade para o aprendizado. O circuito de recompensa cerebral é essencial à aprendizagem e pode ser acionado pelo prazer no

momento em que o aluno sacia sua curiosidade quando aprende. A importância da motivação para aprender está comprovada através de estudos no campo da neurociência, uma vez que o centro da motivação é o hipocampo e a consolidação da memória está diretamente ligada a ele e é modulada pela emoção.

Em sala de aula, quando o educador estabelece o conhecimento anterior do aluno e inicia um novo conteúdo, esse procedimento desencadeia respostas favoráveis ao funcionamento do cérebro, como também a utilização de estratégias para atingir as emoções dos alunos facilitam bastante o aprendizado. A educação infantil tem uma grande importância porque é neste período que acontecem os acervos de memória que favorecerão as bases para as aprendizagens escolares do ensino fundamental, ensino médio, graduação e demais vida escolar. É bom ressaltar que não há área no cérebro geneticamente determinada para ler e escrever, como há

para a fala. Desta maneira, é preciso formar no cérebro uma nova estrutura que envolve inúmeras áreas cerebrais. Ler e escrever são atos relacionados, *mas possuem aprendizagens distintas*.

Quando o assunto é currículo, neste devem constar oralidade, leitura e escrita como aquisições específicas a serem realizadas, tanto para leitura, quanto para a escrita. Outro fator importante à luz da neurociência é que a escrita não é uma transcrição da fala. O cérebro utiliza várias áreas além das áreas da fala para formar a estrutura que o capacita a ler compreendendo e o domínio da estrutura do sistema formal da escrita.

Em síntese, a alfabetização deve ser entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico, mas é importante que se desenvolva num contexto de letramento. Deve haver o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o

letramento têm diferentes nuances, e que a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente. O conhecimento do professor sobre a neurociência e o avanço da ciência para as ações pedagógicas poderão trazer subsídios que auxiliarão os professores a desenvolver novas estratégias de ensino, através da reorganização cerebral das informações aprendidas. •



CLAUDIA DINIZ DA SILVA

Graduada em Pedagogia; mestre em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria (IPUB/UFRJ); professora pesquisadora do Núcleo de Estudos em Neurociências Educação (NeuroEduc), certificado pela UFRJ. Pós-graduada em Fonoaudiologia Clínica, Neurofisiologia, Neurologia da Motricidade, Fonoaudiologia Hospitalar, Pedagogia da Infância e Neurociência aplicada à Aprendizagem; docente dos cursos de Pós-graduação em Neurociências, Neurociência Pedagógica, Neuropsicopedagogia Clínica e Psicopedagogia Clínica e Institucional na UFRJ, AVM Educacional, CENSUPEG e Universidade Estácio de Sá. Organizadora do livro "Neurociência e Carreira Docente" (Wak Editora).



O livro "Neurociência e Carreira Docente" (Wak Editora), conforme sua organizadora, Cláudia Diniz da Silva, tem como objetivo acolher às necessidades e ansiedades dos docentes, atuando como ferramenta de estudo facilita-

ador no que tange ao entendimento cognitivo, motor, emocional e comportamental do educando, no decorrer do processo de ensino e aprendizagem escolar.

Com a evolução da ciência e estudos sobre Neuroeducação, torna-se mais fácil compreender que o professor, se suas práticas pedagógicas tiverem o embasamento neurocientífico, podem obter maior sucesso em sala de aula no processo de aprendizagem. Este docente passa a observar e entender seu aluno em sua totalidade, e não mais "fragmentados" como costuma acontecer ao longo da História da Educação. É na escola, em especial, na sala de aula, onde se edifica a autoestima, o altruísmo, a empatia, a solidariedade e a fraternidade, como também onde há grande contribuição para a formação de caráter de nossas crianças, colaborado para uma visão mais ampla e humanizadora na prática docente.

SUA INSTITUIÇÃO SOFRE COM A INADIMPLÊNCIA ESCOLAR?

Com vasto know-how no segmento educacional, a **CCFM Advocacia** oferece à sua instituição uma atuação precisa, através dos serviços de **COBRANÇAS ADMINISTRATIVAS E JUDICIAIS**.

SAIBA MAIS SOBRE OS NOSSOS SERVIÇOS:

(11) 3513-5080 | advocacia@ccfmadvocacia.com.br

www.ccfmadvocacia.com.br

[ccfmadvocacia](https://www.facebook.com/ccfmadvocacia)

Celso Carlos
Fernandes e Melo



SOLUÇÃO POSSÍVEL

A humanidade, salvo raras e honrosas exceções, ainda sonha com o surgimento de um ditador honesto.

A democracia exige virtudes, respeito e amadurecimento que costumam ser erigidos ao longo da história dos povos, não rara repleta de episódios de barbárie e privações, que ensinam e moldam a valorização de alguns conceitos e costumes. Povos que já comeram o pão que o diabo amassou são mais propensos ao estabelecimento de democracias.

Por aqui, são raros os momentos em que vivemos, de fato, uma democracia. Nossa história possui mais baixos que altos, e vivemos aos solavancos, desde 1.500.

O brasileiro médio pouco acredita em seus representantes, descredito alimentado por séculos de desonestidades e pilhagens do patrimônio público. Falsos profetas e líderes de araque pontuaram nossa história política.

Sobrevivemos graças aos penhores naturais do agigantado território, à ação quase anônima de alguns pouco lembrados heróis e ao juízo histórico e civilizado trazido

por migrantes de todo o mundo, que aqui aportaram. As religiões em muito colaboraram para que conseguíssemos atravessar séculos, domando as bestas de sempre, pouco tementes à polícia e com precária formação cultural.

Consideramos os políticos, nossos pretensos representantes, como inarredáveis fardos e, a cada eleição, nutrimos a esperança de promover renovações capazes de algumas reformas que acabem por diminuir-lhes o potencial de desmandos. Aos poucos, renovações ocorrem, em meio a uma ou outra ilusão, revelada já no início dos mandatos.

Conseguimos, a duras e guereadas penas, erigir instituições e iniciativas meritórias, como a Operação Lava Jato, que vem trancafiando e empobrecendo corruptos, públicos e privados. A Operação atraiu inimigos poderosos, que tentam, sem tréguas e escrúpulos, desacreditá-la.

Começam a surgir, aqui e acolá, iniciativas e grupamentos que pregam a honestidade e novos hábitos e culturas. Parcela responsável da população parece haver entendido

que “a água bateu na bunda”, preciosa e insubstituível expressão popular.

Sem saúde, segurança e empregos, seguimos palco de verdadeiro surto de ideários simplistas e demagógicos, produtos de chavões tão mentirosos quanto de fácil assimilação. Vivemos a guerra de versões, onde a lembrança dos fatos sucumbe ao primarismo das ideologias que já infelicitaram povos em todo o mundo.

Somos uma sociedade em ebulição, onde as minorias persistem estridentes e as majorias deixam, aos poucos, de ser silenciosas. O ambiente é propício ao amadurecimento.

Resta acreditar que podemos vencer a crise sem que algum cavaleiro honesto e justiceiro, montado em cavalo branco, venha impor-nos um cenário de ordem e respeito. Convém, a cada brasileiro de boa-fé, montar seu próprio cavalo e galopar por aí, difundindo civilidades. ●



PEDRO ISRAEL
NOVAES DE ALMEIDA

Engenheiro agrônomo e
advogado, aposentado.
pedroinoaes@uol.com.br



Tecnologias a serviço da inclusão

Quando eu participava de um congresso educacional, ouvi o relato de um professor da educação básica, que ficara cego aos 30 anos de idade. Ele dizia que fora extremamente difícil a adaptação à nova condição. Evidentemente, continuar trabalhando, lidar com as demandas da vida e tudo mais se tornara extremamente complexo. Porém, ele afirmava que conseguiu, depois de muito esforço pessoal e superação, continuar vivendo com qualidade, tendo uma vida profissional produtiva.

Ressaltava que as novas tecnologias digitais permitiram, por exemplo, receber mensagens no Facebook, participar de grupos

de WhatsApp e ter acesso a artigos acadêmicos na internet. Seu grande problema, no entanto, era a acessibilidade: a imperiosa necessidade de ter autonomia para ir e vir. Sair de casa, ir para o trabalho e voltar.

O relato desse professor mostrou mais uma vez a importância do uso das tecnologias assistivas para dar qualidade e autonomia às pessoas com deficiência.

De acordo com a Lei 13.146/15, Lei Brasileira de Inclusão (LBI), considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais

barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

As tecnologias assistivas são recursos, estratégias tecnológicas e metodológicas para a inclusão da pessoa com deficiência. Ao mesmo tempo, buscam dar condições para a participação nos diferentes espaços sociais, garantindo autonomia, independência e qualidade de vida.

Os recursos da tecnologia assistiva incluem brinquedos e roupas adaptadas, computadores, softwares e hardwares especiais, instrumentos e suportes para acessibilidade. Há ainda dispositivos para adequação da postura, recursos



As tecnologias assistivas são recursos, estratégias tecnológicas e metodológicas para a inclusão da pessoa com deficiência

igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia.

A mesma lei estabelece que as instituições em seus diferentes níveis e modalidades garantam acessibilidade para todos os estudantes, trabalhadores da educação e demais integrantes da comunidade escolar às edificações, aos ambientes e às atividades concernentes a todas as modalidades, etapas e níveis de ensino.

► Da exclusão à inclusão

No Brasil, o tema inclusão tornou-se bastante discutido e abraçado por diferentes segmentos da sociedade. Muito se fala da inclusão escolar, social, para o trabalho e, mais recentemente, da inclusão para o mundo digital. No que tange à educação, os movimentos inclusivos começaram a ganhar força a partir da segunda metade do século XX.

Anteriormente, o ensino especializado era ministrado em instituições especializadas para as crianças e jovens que não podiam ter acesso à escola comum, pois se acreditava que elas não conseguiriam avançar no processo educacional. A educação especial era um sistema paralelo ao ensino comum.

No entanto, movimentos pelos direitos humanos vigentes na sociedade daquela época, nos Estados Unidos e na Europa, representariam o ponto de partida para uma série

de transformações políticas, éticas e comportamentais, que afetariam a sociedade de uma maneira irreversível, sensibilizando seus membros quanto aos danos que a segregação e a marginalização dos grupos minoritários traziam. Danos não somente morais para as minorias, mas também econômicos para os governos, pois era visível o elevado custo dos programas segregados, no contexto das crises da economia mundial.

Assim, a partir da década de 1960, passou a ser conveniente para os governos adotar o ideário da integração em classes comuns pela economia que representaria para os cofres públicos a redução do custo com classes segregadas. O modelo que ficou conhecido como “integração” pretendia inserir alunos com deficiência no ensino regular, usando meios normativos para adaptá-los a padrões considerados adequados.

Apesar de ser um avanço, todavia, o princípio normalizante pressupunha um conjunto de normas que deveriam atender a um modelo de aluno considerado ideal, segundo critérios estabelecidos. Dessa forma, para o educando ter sucesso no processo educacional, era necessária a sua adaptação a esses padrões de exigências.

A partir daí, a busca por uma integração efetiva ganha força e respeito à diversidade, exigindo mudanças no papel da escola, para responder melhor às necessidades do corpo discente. Começava a surgir a partir do ano de 1990 o conceito de inclusão, que defendia a adaptação de todos os sistemas de ensino para atender as especificidades dos alunos da educação especial. Em outras palavras: a escola deveria se adaptar ao estudante.

Assim, a educação especial passou a ser vista como uma modalidade de ensino definida por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais

manuais, equipamentos alternativos de comunicação, aparelhos de escuta assistida, auxílios visuais e materiais protéticos, lápis adaptados, órteses, pautas ampliadas, dentre outros. Todos esses equipamentos buscam dar suporte para o sucesso do processo de inclusão.

A LBI é ampla, para toda a sociedade. No campo da educação, determina que os sistemas de ensino estabeleçam projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de



A escola especial é inclusiva quando prepara o aluno para o ensino regular, para a vida familiar e para a vida social

comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades de todos os educandos.

Há quatro fundamentos essenciais para promoção da educação inclusiva:

1 - Projeto Político Pedagógico: a escola deve contemplar projetos e ações para as pessoas com deficiência.

2 - Acessibilidade arquitetônica: ambiente físico com espaços e recursos apropriados.

3 - Formação dos professores: o papel do professor é fundamental para o sucesso da inclusão.

4 - Superação de barreiras: conscientização do corpo docente, discente e das famílias, para a superação das barreiras do preconceito e da discriminação.

Além disso, é preciso estabelecer uma relação profícua com a

família e com os diferentes profissionais que atendem o aluno.

As demandas da educação no mundo contemporâneo só admitem um modelo de escola: a escola inclusiva. Isto é, todas as instituições de ensino devem ter esse ideário. A escola especial é inclusiva quando prepara o aluno para o ensino regular, para a vida familiar e para a vida social. Da mesma forma, a escola regular cumpre seu papel quando atende à diversidade discente com equidade, sem preconceitos, observando as peculiaridades de cada indivíduo, buscando sua formação integral. A classificação das escolas seria apenas no que tange à modalidade e metodologia de ensino, e não no que concerne à filosofia educacional ou à visão de mundo.

É bom ressaltar que a aprendizagem transcende o campo escolar, porque os mesmos mecanismos que estão presentes quando o sujeito aprende em sala de aula

estão presentes no cotidiano. É nosso papel educar para a vida e não somente para testes ou avaliações pontuais.

Escolas inclusivas são escolas para todos, o que requer um sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer aluno. A tecnologia tem se tornado uma aliada nos processos educacionais, pois beneficia a todos. No caso da pessoa com deficiência, pode ser o fator determinante para haver ou não inclusão. ●



EUGÊNIO CUNHA 

Doutor em Educação, professor do ensino superior, psicopedagogo, mestre em Tecnologia

Educacional, e coordenador pedagógico do Colégio Objetivo Cambinhos. Autor dos livros: "Afeto e aprendizagem", "Autismo e inclusão", "Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade", "Autismo na escola" e "Educação na família e na escola", publicados pela WAK Editora.

ACADESC®

SOFTWARE PARA GESTÃO ESCOLAR

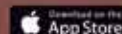
**Você ainda pode
preparar sua
instituição para
2020!**

Conheça o ACADESC e inicie seu ano com uma nova organização melhorando a comunicação, otimizando seu tempo e fidelizando os estudantes.

Conheça também o Aplicativo Acadesc!



Disponível nas lojas:



www.acadesc.com.br
comercial@fannys.com.br
(11) 5012 0004/0422/0181
0800 773 0422



Onde estão as matrículas?

Esta é uma pergunta recorrente feita por mantenedores e motivo de preocupação de todos os profissionais envolvidos com o processo de divulgação e captação de novos alunos. Afinal, seria essa a questão principal? A experiência diz que não! A questão estratégica é: **“O que estou fazendo para conquistar novas matrículas e reter os alunos existentes?”**. É sobre essa reflexão que nos debruçamos nesse artigo, visando estimular o exercício de entender o funcionamento da sua escola e seus objetivos de crescimento.

Pensando nessa questão podemos dizer, de modo geral, que toda escola deve ter um bom sistema de gestão, um Comercial afinado e estratégias de Marketing que apresentem o estabelecimento adequadamente para seus *prospects*. Entretanto, aqui vale destacar – e de forma muito contundente – que não existe uma “receita” pronta para atingirmos os objetivos de captação de alunos e conquista de novas matrículas. Existe, sim, a realidade de cada escola e a estratégia própria para cada estabelecimento de acordo com o seu foco e posicionamento: estrutura, recursos humanos, verba para publicidade, eventos, ações de relacionamento com o cliente, salas e horários disponíveis etc... Cada caso é um caso e merece ser tratado de forma individualizada e com o devido entendimento acerca de seu potencial e metas.

Um ponto comum entre todas as escolas e que pode fazer a diferença sobre as ações realizadas e os esforços empregados diz respeito à dedicação de cada área envolvida com a missão de fidelizar os alunos e seus familiares e, também, com o projeto de venda da escola para os novos clientes. São dois pontos distintos, mas com importância crucial quando o assunto é o crescimento sustentável da escola: manutenção e captação.

Quando a pergunta diz respeito apenas à conquista de novas matrículas, achamos que o fato, em si, encerra nossos esforços. E é aí que reside o grande engano que a maioria das escolas comete. Não basta captar novos alunos se não os encantarmos e às suas famílias, consolidando um relacionamento que pode ser muito bom tanto para os clientes quanto para a escola.

Mas a pergunta segue: **Onde estão as matrículas?** E as respostas a ela podem revelar que a própria escola oferece alternativas e caminhos a se trilhar, indicando que as “soluções mágicas” nada mais são do que a revisão de processos envolvidos com a conquista e retenção de alunos. Vamos ver?

- A instituição: se você utiliza um sistema de gestão escolar alinhado, fica fácil realizar perguntas e buscar respostas sobre o passado recente e, a partir dos resultados, traçar padrões de comportamento e ações corretivas (total de matrículas, evasão, cursos/séries/



classes, inadimplência, ticket médio, receita e despesas).

A estrutura física da instituição também conta, assim como a filosofia, o material didático, os produtos e serviços oferecidos, mas desde que estejam alinhados com sua comunidade.

- **As famílias:** você realmente conhece seus clientes? Quando fazemos essa pergunta nos debruçamos sobre questões como hábitos de consumo, padrões de comportamento socioeconômicos e culturais, estrutura familiar, expectativas e desejos. É preciso conhecer mais do que aquela ficha inicial que basicamente todas as escolas solicitam no ato da matrícula. **É preciso conhecer as dores e os desejos de cada família e atuar de forma empática a cada interação, sem perder de vista o conceito de ser uma empresa prestadora de serviços, com limites e regras bem definidos.** Esta é uma linha tênue a ser seguida quando o assunto é compartilhar os cuidados de filhos/alunos.

Aqui vale destacar aquela frase tão comum entre os colaboradores das escolas: “Esta é aquela família exigente...”. Quando se escuta isso, percebe-se claramente o **ruído** entre o desejo do cliente, o serviço oferecido pela escola e a realidade apresentada. Um alerta cada vez mais comum em tempos de diversidade cultural e familiar. ▶

**É preciso
conhecer mais
do que aquela
ficha inicial que
basicamente
todas as escolas
solicitam no ato
da matrícula**



Você conhece as potencialidades e barreiras da sua área de atuação?

- **Os colaboradores:** aqui não falamos somente dos professores. Em uma instituição de ensino todos são educadores e, como tal, “vendem” serviços educacionais, independentemente do cargo ou função. A direção precisa alinhar constantemente essa demanda com seus colaboradores a fim de que eles se sintam parte do processo, envolvendo-se com os cuidados e atenção com os alunos e pais, o que resulta em encantamento e admiração pela escola.

- **O comercial:** neste ponto destacamos a necessidade de profissionalização da área comercial dentro das escolas, ali, pertinho da secretaria, com pessoas focadas em “fechar” negócio. Sim! Existem ferramentas que podem contribuir significativamente para a efetivação de matrículas, mas esse é um capítulo à parte, pois envolve muitas questões como sistema de gestão de visitas x atendimento x matrículas x ações de marketing e relacionamento etc.

- **A marca:** marca é mais do que nome e logotipo, ou como você gostaria de ser visto. Marca é como seus clientes lhe descrevem, o que eles dizem acerca de sua escola, como a percebem. Estar aberto para ouvir é importante, por isso é fundamental promover pesquisas de satisfação e utilizar os dados apontados para que representem correções nos serviços oferecidos. E também realizar ações que aproximem a escola de seus clientes, antecipando-se às suas necessidades de informação.

- **Área de atuação:** poucas escolas conseguem extrapolar raios de atuação com uma circunferência maior de 10 km de sua unidade. Você conhece as potencialidades e barreiras da sua área de atuação? (concorrentes, perfil de moradores, comércios, expansões, acesso, fluxo de veículos, perfil do bairro etc.).

Realmente, não há um atalho para a conquista de matrículas, mas com o aprofundamento da discussão

em cada uma das áreas citadas já é possível traçar um panorama e ter clareza das possibilidades e dos desafios de sua instituição. Com isso, mais tranquilidade e a confiança do SIM! As matrículas? Elas acontecerão, pode ter certeza! ●



HUMBERTO GUIRELI



Comunicação escolar, cursando MBA em Marketing pela USP, atua em instituições de ensino executando planejamento e gestão das ações de comunicação e marketing.



CIDINHA RAMALHO



Jornalista, especializada em Marketing de Conteúdo para instituições de ensino.



VR Alimenta o

Mais prático que a cesta básica e maior comodidade para a escola e seus funcionários. E ainda com **TAXA ZERO!**

Ao adquirir o cartão VR Alimenta o com a **Klima Corretora**, seus funcionários ganham outros benefícios** exclusivos e a escola não paga nada por isso.

**Cada proposta poderá conter apenas um benefício adicional, os benefícios poderão sofrer altera es/substitui es e cancelamento sem prévio aviso.

VR SAÚDE INDIVIDUAL



*Descontos em exames, consultas e muito mais.

VR ODONTO URGÊNCIA

Atendimento a Domicílio ou no Escritório
Serviço e/ou orienta o odontológica de urgência, 24h.*

*VR Odonto Urgência não é um plano odontológico.

VR FARMA



*Descontos em medicamentos.

**Limitado até 250 funcionários.

Solicite uma proposta.

Entre em contato com a Klima:

☎ 11. 5087-6522

📞 11. 93805-1342

www.klimaseguros.com.br

klimaseguros@klimaseguros.com.br



Internet completa 50 anos de polêmicas



As polêmicas relacionadas à internet e seu uso já datam de 50 anos e, até o presente momento, empresas e usuários ainda não sabem ao certo quais as normas e regras de utilização deste genial instrumento de comunicação. Abaixo um breve relato sobre esse tema:

1. Genesis

Em 1974, a abreviação do termo provisório *internetworking* fez com que o termo *internet* fosse usado pela primeira vez. Na década de 1980, uma pesquisa do cientista britânico Tim Berners-Lee resultou na *World Wide Web (WWW)*. Em seu laboratório no CERN, na Suíça, ele conseguiu a interligação (link) documentos de hipertexto em

sistemas de informação, acessíveis de qualquer ponto daquela rede virtual muito primitiva. Berners-Lee também criou o HTML, uma linguagem de marcação usada na criação de sites, e do HTTP, o principal protocolo que estabelece as conexões de internet em todo o mundo. Ele ainda criou em 1990 o primeiro navegador de internet, o *WorldWideWeb* (sem espaços).

Nos anos 1980, a conexão de internet era feita por meio de um micro modem Hayes, que rodava na velocidade de 300 bits por segundo – muito mais do que seu antecessor, de apenas 110 bps. Em 1983 se deu o grande marco do surgimento das redes baseadas em TCP/IP; assim, todos os computadores que ainda faziam utilização da rede antiga

optaram pelo sistema de pacotes da nova rede.

A internet pública começou a ser utilizada no Brasil em meados de 1995 e entramos, afinal, na “rede mundial de computadores”.

Antes de internet banda larga, fibra ótica e do 3G, os internautas navegavam utilizando o telefone e discando para a prestadora de serviços de acesso on-line. Durante cerca de quase um minuto, uma série de ruídos estranhos indicavam que o modem estava negociando a velocidade de conexão com a empresa de telefonia. Sistema caro e precário, levando a conta telefônica a valores astronômicos. Os adolescentes preferiam entrar na madrugada, quando as ligações eram mais baratas. Os provedores



A facilidade de publicação de conteúdo e a participação em redes sociais e fóruns motivou a ideia de uma web 2.0

de internet da época trabalhavam com limite de tempo. O usuário tinha direito a uma hora por dia, tornando uma disputa familiar diária o acesso à web.

2. Êxtase - O surgimento das redes sociais

Foi por meio do surgimento dos sites KAZZAA e P2P que se deu início ao compartilhamento de arquivos, fotos e vídeos e, consequentemente, o início das redes sociais.

O termo “cybercrime” surgiu em Lyon, na França, no final da década de 1990, depois da reunião de um subgrupo das nações do G8 que analisou e discutiu os crimes promovidos via aparelhos eletrônicos ou mediante a disseminação de informações pela internet. O subgrupo, chamado “Grupo de Lyon”, usou o termo para descrever extensivamente as formas de ilícitos praticados na internet ou nas novas redes de telecomunicações, que se tornavam cada vez mais acessíveis a um grande número de usuários em todo o mundo.

Em 1998, é lançado o mecanismo de busca Google e, na década seguinte, outros tipos de serviços de informação e comunicação ganharam popularidade. É o caso das redes sociais, o LinkedIn, em 2003, e o Facebook, em 2004. Em 2005 o audiovisual on-line ganha impulso com a criação do YouTube, que viria a se tornar a maior plataforma de publicação e consumo de vídeos do planeta.

Antes da criação do YouTube os usuários enviavam os vídeos para os amigos por e-mail, com arquivo anexado. As pessoas baixavam o vídeo em uma resolução péssima

e assistiam, se divertiam e passavam adiante. Alguns dos primeiros vídeos virais, como “Batima na feira da fruta” e “A história do mamute”, foram viralizados na internet dessa forma (se você está lendo esse artigo e não sabe do que se trata, joga essas frases na sua ferramenta de busca e se divirta com a nostalgia).

O Twitter chegou em 2006 e padronizou um estilo de microblogs para compartilhamento de conteúdo de forma mais rápida e sucinta, com um limite de caracteres por publicação.

Quem viveu a internet dos anos 2000 se lembra de alguns hábitos especiais da época, onde o Orkut era a rede social dominante no País, o MSN era o mensageiro favorito dos “descolados”, o acesso à rede móvel era quase inexistente e o início dos blogs e das blogueiros de plantão. Os usuários do Orkut, Flogão e MySpace queriam se diferenciar e usavam letras especiais, se empenhavam em deixar o visual de seus perfis mais bonitos e exclusivos.

Em um tempo em que a palavra “selfie” sequer existia, a sensação era tirar fotos do próprio reflexo no espelho com aquelas câmeras digitais compactas.

3. Agonia - Proteção contra os crimes cibernéticos

A facilidade de publicação de conteúdo e a participação em redes sociais e fóruns motivou a ideia de uma web 2.0, marcada pela participação e pelo caráter social e, principalmente, em razão dos crimes digitais.

O perfil dos criminosos digitais normalmente foi e continua sendo

É importante esclarecer que os crimes virtuais não são novidades

de jovens, entre 15 e 32 anos, do sexo masculino, com inteligência acima da média, educados, audaciosos e aventureiros; têm preferência por ficção científica, música, xadrez, jogos de guerra e não gostam de esportes de impacto e, por vezes, não receberam limites e educação digital dentro de casa e na escola.

As terminologias também são usadas de forma equivocada desde os anos 1980.

Os hackers são especialistas em programação que usam seus conhecimentos técnicos para descobrir falhas em programas e sistemas, sem causar dano a empresa ou site invadido; porém, por vezes, o fazem sem o consentimento dos alvos escolhidos. No centro da palavra hack, em inglês, está a referência ao duro trabalho dos carpinteiros que usam de ferramentas adequadas, que iam eliminando lascas da madeira até que tomasse a forma desejada.

Os crackers são criminosos que têm os mesmos conhecimentos técnicos de um hacker, mas os utiliza para atacar, destruir ou roubar informações, em benefício próprio ou não.

O phreaker é criminoso especializado em obter informação não autorizada sobre o sistema telefônico da vítima. O termo phreak é uma ortografia especial da palavra aberração em inglês (freak) com o ph- de telefone, e também pode se referir ao uso de vários áudio frequências para manipular um sistema de telefone. Phreak, phreaker ou telefone phreak são nomes usados pelos autores que participam do ato ilícito de phreaking.

Tem também o pirata, chamado de pirate, que é o indivíduo especializado em reunir e distribuir software protegido por copyright.

Por último temos os lammers, pessoas que com pouco conhecimento técnico ou às vezes nenhum, se auto intitulam como hacker, e que muitas vezes utilizam ferramentas ou programas já prontos, normalmente disponibilizados pela Internet, para tentar realizar invasões ou ataques.

É importante esclarecer que os crimes virtuais não são novidades e cabe às escolas proporcionar mais informação e limites do uso de tecnologia dentro dos estabelecimentos de ensino. Hoje, os colégios convivem diariamente com o cyberbullying, selfies e nudes a qualquer hora, jovens viciados em games, professores que escreverem mensagem de texto enquanto ministram aulas, pessoas que não desgrudam do celular nas refeições, exposição explícita da vida privada nas redes sociais, uso desenfreado do WhatsApp durante

as aulas, pedofilia virtual, ausência de proteção de dados dos alunos e pais pela escola e etc.

Nas redes sociais você se apresenta ao mundo a partir das suas postagens. E esse pensamento estimula os crimes digitais e a proliferação de insultos disfarçados de liberdade de expressão.

Após 50 anos de internet uma conclusão é inevitável: o colégio tem que assumir a linha de frente na educação digital de pais, alunos e professores, mediante a implementação de técnicas de compliance escolar e políticas específicas para a proteção da geração presente e futura. ●



ANA PAULA S. L. DE MESQUITA

Graduada em Direito e pós-graduada em Direito Empresarial pela Universidade Presbiteriana

Mackenzie. Professora-mestre em Direito Civil Comparado pela PUC/SP. Membro da Comissão de Direito Digital e Compliance e da Coordenadoria dos Crimes contra a Inocência da OAB/SP. Autora do livro "Comentários à Lei do Bullying número 13.185/15".

Office 365 A1 para Educação

É de graça para alunos, professores e gestores!

Inscriva sua instituição agora e comece a usar: aka.ms/comeceagora

Instituições reconhecidas pelo MEC têm acesso gratuito ao Office 365 educacional.

Aplicativos Online:



Outlook



Word



Excel



PowerPoint



OneNote

Serviços:



Exchange

Caixa de entrada adaptável que prioriza mensagens importantes.



Sway

Criação e compartilhamento de apresentações, projetos e material interativo.



School Data Sync

Gerenciamento simplificado de classes.



OneDrive

Armazenamento de arquivos em nuvem.



Flow

Criação de fluxos de trabalho automatizados entre seus apps e serviços favoritos.



PowerApps

Criação ou personalização facilitada de aplicativos.



SharePoint

Compartilhamento e trabalho em equipe num mesmo arquivo.



Forms

Criação de pesquisas, testes e análise de dados do Excel.



Teams

Ambiente colaborativo para desenvolvimento de habilidades de comunicação.



Stream

Armazenamento inteligente de vídeos.



Sempre atualizado

Acesso automático às últimas versões.



Em todos os dispositivos

Trabalhe online em computadores, tablets e smartphones, em Windows, iOS ou Android.



Em qualquer lugar

Grave tudo na nuvem e acesse de onde estiver.

Nota legal: conforme regras e políticas vigentes no portal, alterações podem ocorrer sem aviso prévio.



EDUCAÇÃO É UM DIREITO, INCLUIR TODOS É O NOSSO COMPROMISSO

Recentemente fui convidado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SMERJ), em parceria com o Instituto Municipal Helena Antipoff (IHA), a participar do 1º Encontro: “Abordagens dos Professores de Educação Física nas Práticas Pedagógicas Inclusivas no Contexto da Educação Infantil”. Diante da temática exposta, com o público de 160 professores de Educação Física, desdobrou-se neste texto.

Sabemos dos inúmeros desafios que os professores cariocas e de outros municípios e estados enfrentam no seu cotidiano escolar, principalmente quando o assunto é inclusão. Surge um grande “nó”, que precisa ser desatado por aqueles que escolheram educar-ensinar. Por onde começar? Quais atividades posso desenvolver com a pretensão de incluir todos os estudantes em seu percurso de escolarização? Seriam as atividades lúdicas (jogos, brinquedos e brincadeiras) promovedoras de processos inclusivos? No entanto, o que fazer? Como fazer?

A princípio, ao proferir sobre inclusão no contexto escolar, levo meus colegas docentes a ampliarem a noção do que seja incluir. Inclusão é um processo contínuo, diário, que jamais terá um fim em si mesmo. Inclusão não se resume ao público-alvo da Educação Especial, apesar de boa parte das investigações científicas se preocuparem com este campo. O alerta que faço é que saibamos romper com estereótipos, com os discursos que associam somente inclusão às pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação, como é mencionado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Desse modo, afirmo que inclusão é um direito de qualquer cidadão. De nossas crianças com deficiência, adolescentes moradores de favela, adultos em processo formativo de uma profissão, trabalhadores, negros, gays e mulheres. Inclusão também se refere aos estudantes que são “novatos” e precisam se adaptar à cultura escolar. Aos professores que jamais trabalharam em “área de risco” e enfrentam tiroteios para chegar às escolas. No entanto, discutir inclusão é um compromisso político, cultural e social, envolvendo todos. Estas ideias aproximam dos estudos que venho realizando no OIIIPe e que têm como fundadora a Profa. Dra. Mônica Pereira dos Santos – referência no campo da Inclusão em Educação aqui no Brasil e no Exterior.

Entretanto, pensando ainda no que é incluir, o que é inclusão no contexto escolar com o fim de desatar este “nó”, cabe destacar que foi a partir de 2008, com a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que inclusive completou 11 anos, viabilizou mudanças nas estruturas dos cursos de formação de professores, com a criação de disciplinas que tratam do tema inclusão. Promoveu a abertura das salas de aulas para os estudantes com deficiência que outrora permaneciam em classes especiais. Nesse ensejo, entre uma década da política citada, evidentemente o chão da escola tornou-se diverso, múltiplo por se deparar com diferentes sujeitos cujos professores devem garantir a aprendizagem de todos, principalmente daqueles que um dia não poderiam frequentar a escola por ser diferente.

Neste sentido, quando a questão é “por onde começar?”,



não há neste caso um manual de receitas, onde se seguimos um passo a passo conseguiremos incluir todos. Portanto, há alguns caminhos que nos inspiram a ter como ponto de partida uma prática inclusiva, uma prática participativa, propiciando uma cultura escolar inclusiva. Minha aposta se dá na construção de um espaço de segurança,



O que posso fazer no sentido de eliminar as barreiras de acesso e permanência dos estudantes com deficiência, com dificuldade de aprendizagem, assegurando-lhes o direito de aprendizagem?

preendem por inclusão, uma aluna disse: “Inclusão é incluir. E você, por exemplo, me inclui em um grupo, me coloca em um grupo. Independente das nossas diferenças. Por exemplo, em grupo você aprende com seus amigos, não importa as diferenças”, expôs a estudante.

Descobrimos neste relato que, para Fernanda, “inclusão é incluir”, tal associação da frase construída, nos permite elencar que para a mesma, a inclusão acontece, ela não enxerga como diferente, igualmente quando articula com as relações que são estabelecidas com seus colegas ao falar “me inclui em um grupo”. Será que nós professores estamos prontos assim como esta criança a incluir nossos pares em nossos grupos, apesar das nossas diferenças? Em nossas salas de aulas, nos espaços que utilizamos da escola incluímos ou excluímos? Quais atividades posso desenvolver com a pretensão de conceber a participação de todos os estudantes em seu percurso escolar?

Interessante complementar que independente da atividade, jogo, brincadeira, ou dinâmica a ser desenvolvida com um grupo de estudantes é fundamental que,

confiança entre os estudantes e professores. Se faz necessário desenvolver uma escuta sensível e firmar um diálogo horizontal entre todos que ocupam a escola.

Problematizo: “Vocês pararam para ouvir os seus estudantes?”, pois incluir é mais do que falar pelos nossos estudantes. É permitir que eles exponham suas ideias,

criem estratégias, projetos, ações que promovem uma escola viva, inclusiva e criativa, onde eles são os protagonistas. Dito isto, aproxima de uma prática que tive como professor do 3º ano do ensino fundamental, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao perguntar aos estudantes o que eles com-



Inclusão não marca um fim, apenas um novo começo, começo este que não devemos parar, há sempre algo a ser aprendido e ensinado



aquele que vai planejar a proposta pedagógica deve ter clareza de quem são esses sujeitos que participarão de tal ação lúdica: sendo assim, incluir é levar em consideração as especificidades, as demandas físicas, afetivas e cognitivas.

No final de dezembro de 2018, a Organização das Nações Unidas lançou o seu primeiro relatório demonstrando que pessoas com deficiência são mais propensas a viver na pobreza do que pessoas sem deficiência, devido às barreiras na sociedade, como a discriminação, acesso limitado à educação e outros programas sociais. A medida que vamos nos inteirando desse tipo de relatório de amplitude internacional e que tem o Brasil também como foco, conhecemos os aspectos que são comuns para determinados sujeitos em sua dimensão global. Apesar disso, enquanto docente em nossos cotidianos, em nossas narrativas deve-se questionar: o

que posso fazer no sentido de eliminar as barreiras de acesso e permanência dos estudantes com deficiência, com dificuldade de aprendizagem, assegurando-lhes o direito de aprendizagem?

Uma das ações é a retomada da ludicidade no cotidiano das escolas, proporcionando que os sujeitos desenvolvam a sua imaginação e criatividade, especialmente quando nos deparamos com processos inclusivos, pois a dimensão do lúdico é também criar vínculo, aproximar indivíduos; logo, abertura para um espaço de convívio e interação. Nesta perspectiva os jogos, as brincadeiras ou quaisquer outras atividades que tem como finalidade interação, o lúdico existirá, e desse modo contribuirá para uma vivência participativa, inclusiva, envolvendo os diversos sujeitos, moradores ou não de favela, com deficiência ou sem deficiência, o importante é interagir.

Para tal aceção descrita, o professor Lino de Macedo, da Universidade de São Paulo, corrobora que para o jogo, brincadeira ou atividade lúdica ter a função de lúdica, seu eixo condutor deve ser a interação, assim como também o prazer funcional, o desafio, a ampliação de possibilidades e o ato de simbolização – são possíveis indicadores para existência da ludicidade. Conseqüentemente, planejar atividades lúdicas-inclusivas significa mergulhar nessas dimensões, e a partir delas construir novos horizontes tornando a sala de aula significativa, acolhedora e inclusiva para todos.

Para fins conclusivos, sabendo que inclusão não marca um fim, apenas um novo começo, começo este que não devemos parar, há sempre algo a ser aprendido e ensinado, especialmente ao falar sobre vidas que são possuidoras do direito de frequentar e participar da escola.

O nosso compromisso como educadores, professores e seres humanos é de incluir todos, e que aliado a isto mergulhamos em atividades lúdicas. Os “nós” vão surgir na prática diária e por meio deles mudamos as nossas rotas, alteramos nossos planejamentos, escutamos as narrativas que chegam à escola, e modificamos as nossas práticas pedagógicas, ora como professores que atuam na Educação Infantil, ora como aquele que prioriza uma educação de qualidade para qualquer sujeito que se encontra no contexto escolar. Incluir, Inclusão manifesta o direito, a arte, o reconhecimento da vida, em prol de processos lúdicos e criativos. ●



JONATHAN AGUIAR

Mestre em Educação (PPGE/UFRJ). Pós-graduado em Psicopedagogia e Educação Inclusiva (FESL/SP) e pedagogo (FE/UFRJ). Autor do livro “Educação, Lúdico e Favela” (Wak Editora). Pesquisador científico do Observatório de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe).

QUADRAS | GINÁSIOS | EDIFÍCIOS

PASSARELAS | PÁTIOS | GARAGENS | GALPÕES | PROJETOS ESPECIAIS
PAREDES DRY WALL | FECHAMENTOS | MEZANINOS
PISCINAS | RETRÂTEIS | ACM



MATRIZ | FÁBRICA
PIRACICABA | SP

19 3434.1888
2532.2127

ESCRITÓRIO COMERCIAL
SÃO PAULO | SP

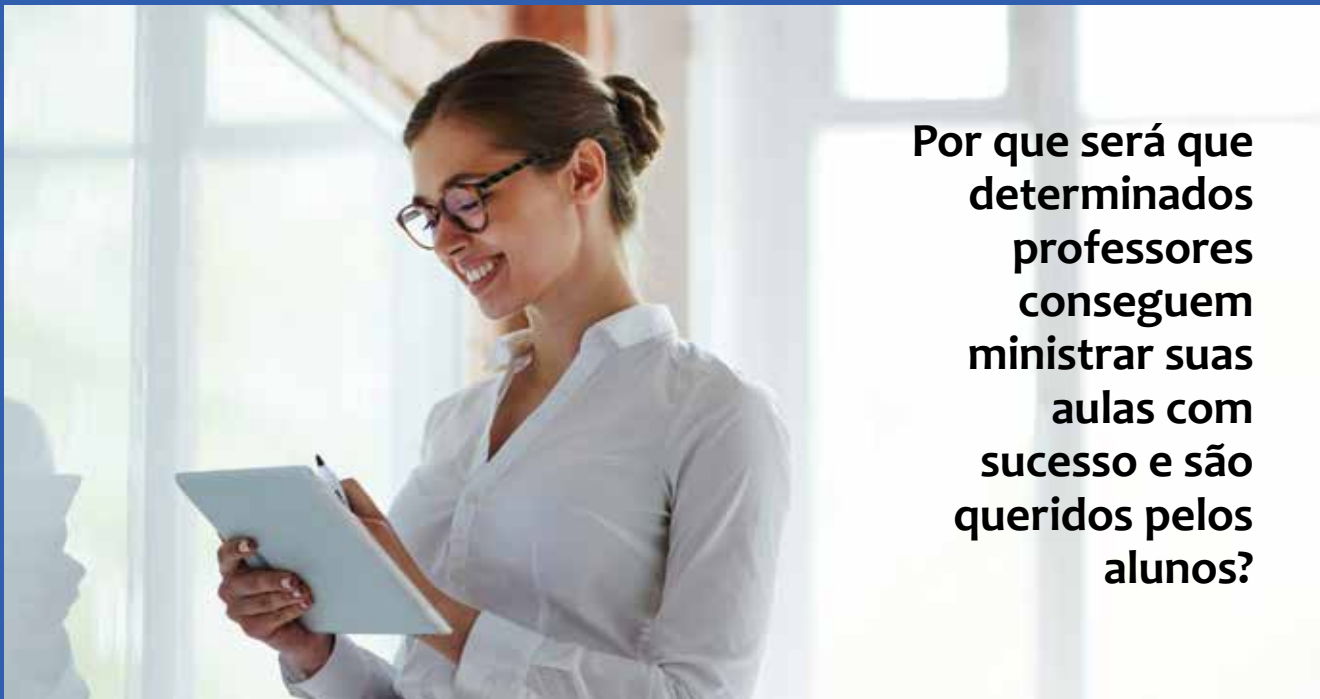
☎ 11 97248.1066

cobertoni@cobertoni.com.br

Cobertoni
Construções Metálicas



Professores, personalidades e o *Big Five*: Teoria dos Cinco Fatores



Por que será que determinados professores conseguem ministrar suas aulas com sucesso e são queridos pelos alunos?

Se todos nós temos, de alguma forma, um professor que marcou nossa vida e nos deixou lembranças agradáveis, temos aqueles também que fizemos questão de esquecer, ou que simplesmente não ficaram em nossa memória. Por que será que determinados professores conseguem ministrar suas aulas com sucesso e são queridos pelos alunos, obtendo bom resultado, e outros não conseguem sequer ter um controle de turma adequado? O que faz com que alguns professores tenham sido marcantes para nós? Talvez uma das respostas seja a personalidade do professor.

A personalidade é talvez uma das características mais interessantes do ser humano, e se torna muito mais intrigante quando o assunto é a personalidade do professor. Em termos gerais, trata-se de uma formação psicológica que define nossa relação com tudo o que

nos cerca, e que se torna evidente através do nosso comportamento. A personalidade é algo tão único, que é uma característica que, ao mesmo tempo, é estável e mutável, proporcionando-nos assim uma característica estável pela qual somos conhecidos e, ao mesmo tempo, que muda conforme as experiências que temos.

Em um livro recente sobre a psicologia aplicada à vida moderna, Wayne Weinten, Dana Dunn e Elisabeth Hammer definem a personalidade como um conjunto de traços comportamentais de um indivíduo que dependem basicamente de dois fatores: a consistência, ou estabilidade do comportamento do indivíduo ao longo do tempo, e a distintividade, ou diferenças de reação individuais a situações idênticas.

Em minha experiência de mais de 25 anos como docente, já me deparei com muitas personalidades

diferentes de colegas docentes. E posso relatar, com absoluta tranquilidade, que o empirismo de minhas observações proporciona, que a personalidade do professor é um fator muito influente na forma como ele é percebido. Mas que fique bem claro: analisar o trabalho docente é algo que requer, sempre, *uma análise multifatorial*. O contexto socioeconômico, cultural, a comunidade escolar, o momento de vida do docente, as condições de trabalho mais ou menos favoráveis, entre outros fatores, são claramente importantes quando analisamos o trabalho docente.

■ Analisando a personalidade do professor: o **BIG FIVE**

A questão das características positivas que constituem um professor de sucesso já vem sendo tratada tanto com autores mais antigos, como David Fontana, como por outros mais recentes, como



Jesús Guillén. Para determinar o que é um “bom” professor, segundo os autores, foram elencadas várias características, em ordem de preferência: compreensivo, entusiástico, afetuoso/amistoso/simpático, responsável, se preocupa com o aluno, sistemático, conhece sua matéria, imaginativo. Como Fontana descreve muito apropriadamente, “um assustador catálogo de excelência”.

Mais recentemente, Robert McCrae e Paul Costa elencaram cinco componentes da personalidade em sua teoria chamada de “Teoria dos Cinco Fatores” ou, como é mais conhecida, *Big Five*: extroversão, neuroticismo, socialização, conscienciosidade (ou capacidade de realização) e abertura a experiências. Resumidamente, podemos apresentar tais características da seguinte forma:

- *Extroversão*, que se refere a um indivíduo com a característica de ser otimista, amistoso, assertivo e gregário, ou seja, alguém emocionalmente positivo, empático e amigável.

- *Neuroticismo*, que é a característica contrária, se refere a um indivíduo emocionalmente negativo, ou seja, ansioso, hostil e vulnerável, alguém por quem não se tem muita ou nenhuma empatia.

- *Socialização*, que se refere aos vários tipos de interação social do indivíduo, em especial a altruísta, e que é um traço que normalmente acompanha a extroversão.

- *Conscienciosidade*, que engloba pessoas que tendem a ser disciplinadas, bem organizadas, pontuais e confiáveis, ou alguém que podemos definir como responsável.

- *Abertura a experiências*, que é um traço de alguém curioso, e que tem flexibilidade, fantasia vívida, imaginação, sensibilidade artística e atitudes não convencionais. Um indivíduo que está aberto a novas experiências.

Esta teoria é amplamente aceita como um dos melhores instrumentos para medir os traços de personalidade, e já foi usada em um sem-número de pesquisas científicas, algumas das quais relativas a professores. Embora haja uma

ligeira variação e adaptação entre autores, estas cinco estão presentes na maioria dos estudos.

Em um trabalho sobre a importância dos traços de personalidade nas escolhas de carreiras por alunos de cursos de formação de professores, Robert Tomšik e Victor Gatial indicaram que socialização, conscienciosidade, abertura a experiências e neuroticismo são traços de personalidade preditores da escolha entre estagiários de cursos de formação de professores. É interessante notar o neuroticismo como um dos fatores, pois em geral não imaginamos alguém com traços negativos de personalidade escolhendo a carreira docente.

Em geral não imaginamos alguém com traços negativos de personalidade escolhendo a carreira docente



A explicação para tal aparente contradição está no motivo da escolha pela carreira docente. Aqueles que escolhem serem professores como primeiro e principal motivo apresentam altos traços de socialização, conscienciosidade e abertura a experiências, e baixos traços de neuroticismo. No entanto, para aqueles que escolhem serem professores como segunda opção (com alguma outra atividade em primeiro lugar), encontra-se exatamente o oposto: altos traços de neuroticismo e baixos traços dos demais. Os autores elencaram, também, características importantes para o trabalho docente: autoconfiança, paciência, flexibilidade, persuasão, conscienciosidade, sociabilidade, tolerância e altruísmo, entre outras.

Em um outro estudo realizado, utilizando o *Big Five*, com 416 professores de Istambul, Hasan Bozgeyikli relatou que traços de personalidade como extroversão, socialização, conscienciosidade e abertura a experiências, além de um baixo ou nenhum grau de neuroticismo, caracterizou a maioria dos professores, especialmente quando comparadas com as subdimensões da Escala de Capital Psicológico Organizacional (otimismo, esperança, resiliência e autoeficácia). Os resultados são interessantes, e merecem nosso destaque.

O primeiro achado do estudo indicou que à medida que os traços de personalidade de extroversão, socialização, consciência e abertura a experiências aumentam, há também um aumento significativo nos componentes do capital psicológico organizacional, ou seja, uma correlação positiva. Ao contrário, diminuição é observada nos níveis de otimismo, esperança, resiliência e autoeficácia à medida que o neuroticismo aumenta, o que apresenta uma lógica de raciocínio, já que o neuroticismo é uma característica de personalidade considerada de qualidade negativa.

Em relação aos capitais psicológicos otimismo e resiliência, o

Sobre o livro “Neurodidática – Fundamentos e Princípios”

A obra se destaca no cenário nacional por oferecer uma abordagem inédita no Brasil acerca da Neurodidática, uma área derivada da convergência entre a Neurociência Pedagógica e a Didática, disciplinas tão fundamentais atualmente no trabalho docente em sala de aula. É uma obra obrigatória para aqueles que precisam de uma direção sobre como aplicar a Neurociência Pedagógica na realidade escolar. A atual exigência do século XXI com relação às novas metodologias de ensino e à forma do professor se relacionar com o aluno exige o conhecimento e a aplicação da Neurociência Pedagógica como suporte às ações do professor em sala de aula. A partir da apresentação de variados fundamentos e princípios da Neurociência Pedagógica, esta obra visa suprir esta lacuna, oferecendo ideias baseadas em como nosso cérebro funciona que podem – e devem – ser aplicadas no fazer diário do docente, de forma a facilitar seu trabalho e a aprendizagem do aluno.

O livro foi organizado para que os educadores ampliem sua visão sobre a educação, bem como sejam estimulados a utilizar os novos recursos tecnológicos à disposição para a gratificante tarefa de formar cérebros pensantes, críticos, pesquisadores, curiosos, mas principalmente humanos. A obra é interdisciplinar e convida a refletir sobre os novos caminhos da Educação.



neuroticismo foi relatado como o maior preditor, ou seja, quanto mais baixo seu nível, maior o nível de otimismo e resiliência. Com relação ao capital psicológico esperança, abertura a experiências foi seu maior preditor. Já a conscienciosidade foi relatada como maior preditor do capital psicológico autoeficácia.

Personalidade, professor e escolas

Uma questão importante levantada por Bozgeyikli em seu estudo foi a de que os traços de personalidade dos professores foram preditores dos capitais psicológicos otimismo, resiliência, esperança e autoeficácia. Em outras palavras,

o capital psicológico dos professores aumenta com o aumento de seus traços de personalidade de extroversão, socialização, conscienciosidade e abertura, e reduz o aumento do neuroticismo.

Podemos supor que os traços de personalidade e o capital psicológico são importantes elementos do professor bem-sucedido na escola, o que nos remete a um professor organizado, emocionalmente estável e proativo, entre outras características positivas. Mas, e se o professor possui alto grau de neuroticismo e/ou baixos graus dos traços de personalidade positivos? Deve então mudar sua personalidade para ter sucesso na carreira docente?



escolar pode mudar a forma como o realizamos. Embora muitos aspectos relativos à personalidade do professor possam ser discutíveis, o que talvez possa ser menos discutível é que determinados traços de personalidade, como bom humor, tolerância à frustrações, flexibilidade, paciência, resiliência e persuasão podem ser poderosas ferramentas para não somente melhorar o seu trabalho mas, sobretudo, sua qualidade de vida, tendo em vista que o trabalho ocupa uma parte importante da vida de todos nós, e que é fundamental trabalharmos em um ambiente sadio. Mas, também, pode auxiliar a enfrentarmos os desafios da tarefa de ensinar, especialmente em um ambiente não tão sadio, em que a baixa tolerância, o enfrentamento e a violência, em suas várias manifestações, possam ser predominantes.

Talvez o mais importante seja reconhecer que a personalidade não é um produto acabado. Sua estabilidade não significa imutabilidade. E sempre podemos fazer ajustes e adaptações em nosso comportamento, usando as características positivas que todos temos em favor da nossa atividade como professor e, também, em favor da nossa vida. ●



ANDRÉ CODEA



Mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco (RJ) com especialização

em Anatomia Humana, Biomecânica e Gestão Escolar; professor de Neurociência Pedagógica nas Faculdades AVM, destacando-se atualmente a Universidade Iguazu (UNIG) na Graduação, as Faculdades Integradas AVM (como coordenador do curso de Neurociência Pedagógica Clínica e professor nos cursos de Neurociência Pedagógica e Docência do Ensino Fundamental e Médio) e a Faculdade Tecnológica de Palmas (FTP)/ AGOS – Educação Profissional e Pós-Graduação (como docente no curso de Neuropsicopedagogia), na Pós-Graduação. Autor do livro “Neurodidática: fundamentos e princípios” (WAK Editora).

Bozgeyikli vê como fundamental a organização de atividades para garantir a estabilidade emocional dos professores. Vejo esta ação não somente como fundamental, mas como profundamente vital, em que deveria fazer não somente parte da formação de professores, mas ser tratada como de altíssima importância pelas instituições escolares. Lembremos que estamos em um contexto histórico de desvalorização da figura do professor e da contínua violência contra o professor por parte de pais, alunos, comunidade escolar e até de sistemas de ensino, o que tem resultado no quadro sombrio de um contínuo aumento dos casos de licenças psiquiátricas, suicídios e assassinatos.

Resguardar a saúde mental do professor é um dos grandes serviços que as instituições escolares e sistemas de ensino podem empreender pois, afinal, o capital social que referencia as escolas e os sistemas de ensino no imaginário coletivo ainda é fortemente baseado na qualidade positiva de

seus professores, sendo um dos principais motivos dos pais na escolha de uma escola para seus filhos, segundo Cristiane Oliveira. Bons professores significam boas escolas; bons professores significam bons sistemas de ensino.

No que diz respeito aos professores em particular, podemos inferir que a autorreflexão e a equalização de nossas questões pessoais em termos das ações docentes parece ser um bom caminho para o sucesso no ambiente escolar, em nosso próprio benefício. A flexibilidade para lidar com necessárias mudanças de estratégias potencialmente necessárias, devido aos inúmeros problemas inerentes ao ambiente escolar, pode impactar positivamente em nossas atitudes, podendo então fazer com que promovamos adaptações e ajustes que auxiliarão na promoção de maior empatia e colaboração no ambiente da sala de aula.

Nesta perspectiva, parece ficar claro que saber manejar a personalidade com as questões inerentes ao trabalho docente no ambiente



Modernos e Seguros.



ELEVADOR MODERNO, SEGURO E DE BAIXO CUSTO ?

Sim, é possível!!

*Equipamento entregue
documentado e licenciado.*

Pergunte a um
ESPECIALISTA

- ◆ Pagamento facilitado
- ◆ Atende as Normas ABNT
- ◆ Baixo custo de manutenção
- ◆ Elevador ideal para o seu espaço

CENTRAL DE ATENDIMENTO 55 (11) **4385-2489**

WWW.CITYELEVADORES.COM.BR

RUA SERRA DA ESPERANÇA, 160 - JD. BOM REFÚGIO - SÃO PAULO/SP



O que o seu contador pode fazer pela sua empresa além da própria contabilidade?



Você vê seu contador como um investimento ou como um custo? Sabemos, no primeiro momento, que todo empresário, seja da área de educação ou de qualquer outra, tem seu foco principal nos investimentos ligados diretamente à geração de receitas e, conseqüentemente, que tragam resultados positivos.

Em tempos de escassez de crédito, em conjunto com uma alta taxa de desemprego que faz com que muitas famílias migrem para o ensino público, a missão de manter uma instituição de ensino modernizada

tecnologicamente, com um corpo docente de qualidade, estrutura adequada e capacidade de reinvestimento, fica cada vez mais difícil de se cumprir.

Como exemplo, nesta época do ano, praticamente todo o esforço está em garantir o preenchimento de vagas para o ano letivo seguinte, o que dará segurança na elaboração do calendário escolar para este novo ano e melhor adequação de seu quadro de colaboradores.

Onde entra seu contador nesta história? Como ele pode contribuir com sua instituição?

Para ele lhe prestar um bom serviço é primordial que sua instituição tenha uma boa estrutura de controles internos que, além de garantir uma boa gestão financeira, permita que a contabilidade retrate fielmente sua realidade econômica financeira.

Vejam se seus controles internos, de preferência sistêmicos, garantam que:

- Todos os alunos matriculados estejam na base de geração de faturamento;
- A base de faturamento tenha total correspondência com o con-



Todos os itens aqui relacionados têm impacto direto nas demonstrações contábeis

- O sistema trate os acordos financeiros como baixa de título original e cadastro de uma nova cobrança;
- O sistema segregue, por relatórios, os recebimentos por cartão de débito, cartão de crédito, cheques e ou dinheiro; e que,
- O sistema garanta o acesso por alçada de competência para baixas a qualquer título.

Todos os itens aqui relacionados têm impacto direto nas demonstrações contábeis. Sem o seu devido acompanhamento e qualidade nas informações, essas demonstrações podem acabar sendo mal elaboradas e apresentar dados imprecisos, comprometendo a gestão da instituição e avaliação por terceiros.

Neste último ponto, podemos ter algumas consequências desagradáveis e, em alguns casos, onerosas.

Como exemplo, citamos:

- Apresentação de resultado distorcido que compromete a definição de eventuais lucros a serem distribuídos aos sócios (a distribuição de eventual lucro inexistente ou abaixo daquele que seria o correto pode levar à tributação desta distribuição, o que, se estivesse correto, seria totalmente isento de impostos);
- Má gestão do faturamento e contas a receber pode indicar ausência de tributação de receitas, o que desencadearia, em eventual fiscalização, autuação da instituição;

trato de prestação de serviços educacionais;

- O sistema busque o valor correto para a emissão de notas fiscais;
- As notas fiscais sejam emitidas no mês de competência, ou seja, no mês da prestação do serviço;
- Haja total correspondência entre a quantidade de alunos no sistema de gestão e o número informado no GDAE (Gestão Dinâmica da Administração Escolar) da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo;
- Haja emissão de nota fiscal para o aluno bolsista integral, inclusive;

- Haja emissão de nota fiscal para o aluno bolsista por convenção coletiva de trabalho;

- As notas fiscais sejam emitidas pelo valor bruto dos serviços quando houver descontos condicionados;
- Os valores recebidos por ocasião de reserva de vagas tenham suas notas fiscais emitidas somente no ano letivo correspondente;
- O sistema tenha relatórios que identifiquem o recebimento de boletos em um mês, mas cujo vencimento ocorreriam no mês subsequente;



- Dados distorcidos também afetam a análise de crédito por parte das instituições financeiras com as quais o colégio opera.

Além dessas questões intrínsecas à ciência contábil e fiscal, não podemos esquecer que o contador atua também e, não menos importante, na assessoria de forma geral.

Basicamente há três áreas operacionais que podem contribuir nesse sentido, ou seja, a contabilidade propriamente dita e também as áreas fiscal e trabalhista.

Alguns pontos que seu escritório contábil deve lhe assessorar:

- Orientar sobre a correta obediência à CLT e ou Convenção Coletiva de Trabalho no que concerne aos salários praticados, carga horária dos empregados, benefícios garantidos, isonomia salarial e outros;
- Gestão dos períodos aquisitivos de férias, evitando o acúmulo que geraria pagamento em dobro;
- Orientação sobre a correta gestão do fornecimento de EPI – Equipamentos de Proteção Individual, para as funções que couber;
- Orientação sobre a manutenção dos programas PPRA (Pro-

grama de Prevenção de Riscos Ambientais) e PCMSO (Programa de Controle Médico e de Saúde Ocupacional);

- Orientação sobre a manutenção dos alvarás de funcionamento e de bombeiros;

- Orientação sobre os tributos e encargos incidentes sobre os serviços contratados de terceiros, até mesmo antes da contratação, permitindo que a instituição negocie os valores dos serviços com seus parceiros;

- Orientação sobre o tratamento fiscal e contábil das atividades extracurriculares (passeios pedagógicos, festa junina, aulas extracurriculares e outros);

- Orientação sobre tributação na alienação de bens patrimoniais (imóveis, veículos e outros);

- Orientação sobre o tratamento fiscal e contábil de reformas e melhorias; e,

- Orientação sobre o cumprimento da legislação a que as entidades do terceiro setor devem atender.

Tudo isso é um breve relato sobre a participação que seu escritório de contabilidade deve contribuir

Não podemos esquecer que o contador atua também e, não menos importante, na assessoria de forma geral

para a boa gestão de sua instituição, que vai além ou até mesmo antes da elaboração das demonstrações financeiras anuais. •



**SINVAL RISÉRIO
CORTEZ**

Gestor Contábil na Meira Fernandes. Contador com mais de 37 anos de atuação nas áreas Contábil, Tributária e de Auditoria, sendo 18 anos no segmento educacional. Graduado em Ciências Contábeis pela Faculdade Campos Salles. Auditor externo por cinco anos na Arthur, Young & Sotec (atual Ernst&Young) e nove anos no Grupo Silvío Santos.



O SISTEMA EDUXE É O ALIADO DA SUA ESCOLA NO CONTROLE DA INADIMPLÊNCIA.



Para garantir a boa saúde financeira de sua instituição de ensino ao longo do ano letivo, é preciso se atentar ao controle da inadimplência. Com o **Sistema de Gestão EDUXE**, a sua escola tem acesso a ferramentas que facilitam a organização das informações e a visualização dos indicadores financeiros, essenciais para embasar a rápida implementação de estratégias e ações de prevenção e cobrança.

ENTRE EM CONTATO E CONHEÇA A NOSSA SOLUÇÃO: (11) 5632.3662 | comercial@eduxe.com.br

O ranking saiu e agora? As notas do ENEM.



É de conhecimento de todos que avaliação é um grande “abacaxi” que as escolas ainda não sabem descascar. Quando se olha para o Fundamental I os boletins mostram que todos os alunos são gênios, todas as notas são muito altas e azuis como o céu. E os mesmos alunos ao se formarem no quinto ano, estes mesmos, os “*pratas da casa*”, ao retornarem das férias para o sexto ano, no sonhado e famigerado Fundamental II se mostram muito aquém do esperado.

Os professores especialistas do “Fund II”, ficam entre o riso e o choro e a indignação quando falam da nova turma do sexto ano. Já na ou-tra ponta da escala da escolarização, temos o afamado Ensino Médio, adolescentes se descobrindo e se apresentado ao mundo e à escola: descobertas,

conflitos, sexualidade e tudo o mais desta fase da vida. Agora um novo dilema; a dificuldade de aprender e ensinar tudo ao mesmo tempo, provas, trabalhos, seminários e simulados. Tudo isso valendo notas! Os anos passam e os alunos chegam à reta final, o terceiro do médio (**Terceirão**); formatura, viagens, indecisões, vestibular e Enem – uma correria só!

Com todas essas atividades a escola até parece uma emergência de hospital em dia de carnaval. Todos se formam e é lindo! Choro das mães, fotos nas redes sociais e todos felizes. Sim, foi uma loucura, mas no final tudo deu certo.

Será mesmo?

Vamos falar das notas

Todos sabemos que os alunos entendem, aprendem e demonstram conhecimento de maneiras

diferentes uns dos outros; e as avaliações intraescolares - provas mensais e bimestrais, verificações de aprendizagem, trabalhos e seminários, as avaliações comuns do dia a dia, estão muito erradas quando suas notas não mostram tal diferença entre os alunos. Médias altas ou baixas não representam nada se todos os alunos apresentam notas muito semelhantes. Uma avaliação só é “verdadeira” quando suas notas demonstram a heterogenia da turma, quando ela discrimina os alunos em seus diferentes graus de proficiência dentro do conteúdo avaliado.

Quando sai a **nota por escola** do ENEM só se surpreenderá com seu desempenho aquela cujas notas de suas avaliações intraescolares (as do dia a dia) mentiram o tempo todo para professores, pais, alunos e coordenação. ▶

bett educar

12-15 MAIO 2020

TRANSAMERICA EXPO CENTER

SÃO PAULO - BRASIL

Tema do Congresso de 2020:

A EDUCAÇÃO DE HOJE NOS PREPARA PARA O FUTURO?

Na Bett, acreditamos em criar um futuro melhor pela transformação da educação. Nossa missão é reunir pessoas, práticas e tecnologias para propiciar o desenvolvimento dos educadores, maximizando a aprendizagem dos alunos.

CONFIRA OS DADOS DA ÚLTIMA EDIÇÃO:



30 MIL
visitantes



293
palestrantes



165
sessões



+180
horas de conteúdo

ENTRE EM CONTATO PARA MAIS INFORMAÇÕES:

+55 11 3042-7784

contato@bettbrasileducator.com.br

Fique por dentro das novidades

bettbrasileducator.com.br

[f/BETTBRASILEDCAR](#) [in/BETTEDUCAR](#)

[@_BETTEDUCAR](#) [@EDUCARBETT](#)

Realização:





Avaliação escolar é uma ciência bem desenvolvida que pode posicionar com poucos recursos a qualidade que a escola demonstra (a comunidade) com as notas do Enem. A simples medição da relação de **média e desvio padrão** já pode dizer muito sobre suas avaliações:

- Média alta com desvio padrão baixo = Avaliação fácil.
- Média baixa com desvio padrão baixo = Avaliação difícil demais para a turma.

Essa é uma minúscula amostra de como avaliar uma avaliação.

As médias de aprovação bimestral ou trimestral devem ser notas ponderadas para que as avaliações eficientes sejam mais valorizadas frente as avaliações mal-sucedidas.

Boas avaliações são aquelas nas quais a **média da turma** se aproxima da média de aprovação da escola. Em geral 5 ou 6. E com desvio padrão entre 1.5 e 3.5; quanto mais abaixo deste intervalo, mais a avaliação não discrimina a real diferença dos seus alunos. E quanto mais alto além do intervalo, mais difuso será o resultado da avaliação, demonstrando também algo irreal.

Qualquer escola (principalmente as particulares) pode melhorar sua colocação no ranking: basta seriedade e o estudo das novas

técnicas de avaliação e formação de notas escolares. As notas são boas metrificadoras de como está a qualidade do nosso ensino. Mas se esse “termômetro” mede sempre errado é plausível que os alunos “bem formados” e felizes do nosso **Terceirão** não fiquem bem colocados nas avaliações externas, como o Enem e os vestibulares do País.

Ter mais e melhores alunos perpassa por como nossa comunidade nos avalia; a escola só vai subir no ranking quando subir internamente o nível de suas avaliações. Dentro da escola, médias altas ou baixas não representam muita coisa; a preocupação tem que ser em produzir avaliações cujas notas sejam mais verdadeiras para nortear nosso trabalho como *escolarizadores* e bons profissionais de educação. Não é mais uma opção melhorar nossas notas: é melhorar ou morrer. E os rumos que tomam as escolas nesses anos de modernização das avaliações extraescolares definirão se elas irão encolher ou crescer, se serão desejadas pelos melhores alunos ou não terão mais alunos.

Afinal, vivemos em tempos de natalidade em queda livre. Quanto menor o número de nascimentos menor é o número de alunos para todas, gerando uma seleção natural de escolas.

Os rankings estão aí e todos já os reconhecem. A comunidade já espera por eles. Quem nunca ouviu em uma visita de matrícula a seguinte pergunta: “**E como está a escola no Enem?**”, mesmo que a visita seja para Fundamental I ou Infantil.

Colégios bem colocados nas avaliações externas têm mais alunos, mensalidades mais altas e uma procura maior. A escola deve voltar a estudar e aprender que existem novas ciências para melhorar as suas avaliações.

Avaliar bem faz com que a comunidade nos avalie melhor. É mais eficiente, assertivo e lucrativo para qualquer escola. Avaliando bem a escola será bem avaliada pelos rankings e pela comunidade que a cerca.

A classificação da escola no Enem representa uma pequena parte do trabalho da escola, mas a sociedade a julga pelo todo. ●



JOSÉ RIGONI JÚNIOR

Geógrafo, professor e pesquisador formado pela USP; autor e teórico de avaliação acadêmica e intraescolar e criador das principais práticas de auditoria pedagógica em uso no País. Desde de 2012 assumiu a diretoria de Ensino e Pesquisa da Vestibular Educação e, em 2016, a diretoria pedagógica. Responsável hoje por auditar e orientar cerca de 50 colégios de alto desempenho no Brasil.



**MAIS DE 25 ANOS DE ATENDIMENTO
EXCLUSIVO ÀS ESCOLAS PARTICULARES**



TODA INSTITUIÇÃO DE ENSINO PRECISA DE GRANDES PARCEIROS AO SEU LADO, A B.W. É UMA ÓTIMA OPÇÃO PARA SUA ESCOLA NA ÁREA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA.

**TÁ ESPERANDO O QUE PARA TRAZER SUA ESCOLA PARA
A B.W. CONTABILIDADE E AUMENTAR SUA LUCRATIVIDADE?**

**FALE COM NOSSO GERENTE COMERCIAL E AGENDE UMA VISITA,
NÓS IREMOS ATÉ SUA ESCOLA.**

COMERCIAL@BWCONTABILIDADE.COM.BR | (11) 3554-2960



CENSO 2018



ESCOLA PARTICULAR MANTÉM CRESCIMENTO

Censo Escolar de 2018 mostra que, na média, escolas paulistas cresceram acima do PIB.

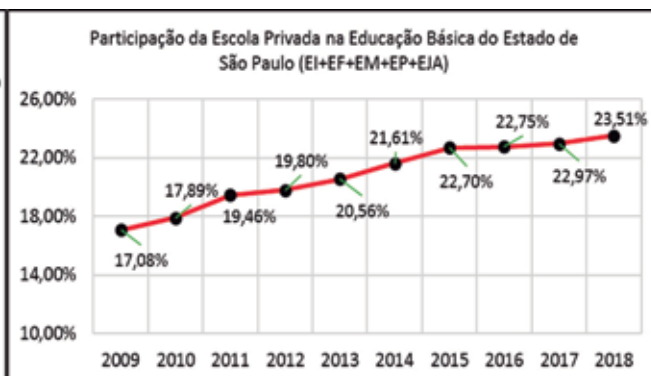
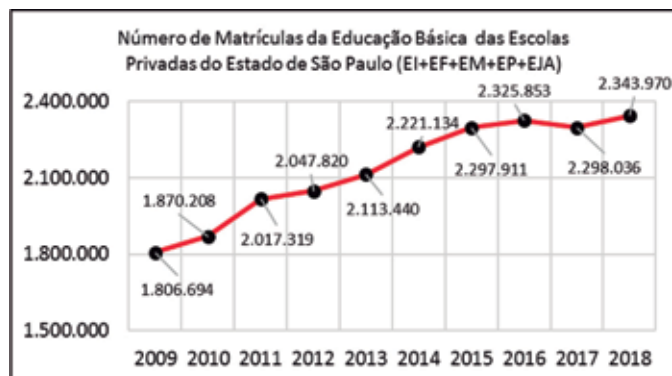




No ano de 2018, segundo o IBGE, o crescimento do PIB foi de 1,1%. Na tabela a seguir, observa-se um crescimento das matrículas das escolas privadas no estado de São Paulo de 2,00%. Em 2018, a escola privada paulista recebeu aproximadamente 45.000 alunos a mais do que no ano anterior. Ou seja, um crescimento bem superior à elevação do PIB. Nos últimos dez anos, a escola privada paulista aumentou a sua base em cerca de 500.000 alunos, saindo de uma participação de mercado de 17% para 24%, aproximadamente.

O Censo Escolar apresenta os dados consolidados do questionário que todas as escolas da Educação Básica, públicas e privadas respondem ao INEP anualmente. Ao longo dos últimos anos, juntamente com os dados divulgados, acrescentamos os dados dos censos anteriores, a partir de 2009. As tabelas apresentadas, a seguir, consolidam 10 anos de dados do censo escolar das escolas urbanas públicas e privadas do estado de São Paulo, que consideramos as mais relevantes de cada segmento educacional. Entendemos que, assim, os mantenedores terão à sua disposição informações para reflexão, análise e auxílio na tomada de decisão. É oportuno explicitar que os dados são os mais atualizados disponíveis. Diferenças de números podem ser encontradas, uma vez que existem alterações de acordo com a fonte utilizada. Eventuais diferenças não comprometem uma visão macro sobre o comportamento do mercado, uma vez que o objetivo é evidenciar tendências.

Ano	Educação Básica (EI+EF+EM+EP+EJA)					Crescimento Geral	Crescimento da Escola Pública	Crescimento da Escola Privada	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	9.971.689	26.213	3.747.203	3.854.303	2.343.970	-0,31%	-1,00%	2,00%	23,51%
2017	10.003.181	22.303	3.839.017	3.843.825	2.298.036	-2,16%	-2,44%	-1,20%	22,97%
2016	10.223.637	18.631	3.984.608	3.894.545	2.325.853	0,99%	0,92%	1,22%	22,75%
2015	10.123.840	16.878	3.990.938	3.818.113	2.297.911	-1,48%	-2,84%	3,46%	22,70%
2014	10.275.926	10.919	4.216.762	3.827.111	2.221.134	-0,05%	-1,38%	5,10%	21,61%
2013	10.280.622	11.989	4.350.658	3.804.535	2.113.440	-0,59%	-1,53%	3,20%	20,56%
2012	10.342.134	8.038	4.478.245	3.808.031	2.047.820	-0,26%	-1,36%	1,51%	19,80%
2011	10.368.876	6.082	4.603.001	3.799.200	2.017.319	-0,83%	-2,07%	7,87%	19,46%
2010	10.455.897	6.424	4.711.259	3.868.006	1.870.208	-1,17%	-2,13%	3,52%	17,89%
2009	10.579.257	6.088	4.860.242	3.906.233	1.806.694				17,08%





Apresentamos, nas próximas tabelas, o comportamento dos diversos segmentos educacionais. Destacamos a Educação Infantil, cujo crescimento tem se mantido constante. Essa tendência deve permanecer, uma vez que o Estado não tem ofertado vagas dentro da necessidade da sociedade. Para exemplificar, pelo levantamento realizado pela Associação dos Registradores de Pessoas Naturais do Estado de São Paulo (Arpen/SP) nasceram na cidade de São Paulo em 2018, 186.289 crianças.



Matrículas - Educação Infantil

Ano	Educação Infantil					Crescimento Geral	Crescimento da Escola Pública	Crescimento da Escola Privada	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	2.210.853	394	1.138	1.444.879	764.442	1,36%	-0,14%	4,33%	34,58%
2017	2.181.206	578	1.350	1.446.538	732.740	1,61%	1,93%	0,98%	33,59%
2016	2.146.670	634	866	1.419.572	725.598	4,06%	4,22%	3,74%	33,80%
2015	2.062.917	326	1.068	1.362.087	699.436	2,74%	1,86%	4,51%	33,91%
2014	2.007.881	337	1.259	1.337.048	669.237	3,94%	3,15%	5,58%	33,33%
2013	1.931.684	333	1.239	1.296.241	633.871	4,29%	3,65%	5,63%	32,81%
2012	1.852.262	360	1.199	1.250.596	600.107	5,67%	4,37%	8,47%	32,40%
2011	1.752.928	365	1.295	1.198.010	553.258	3,40%	0,07%	11,44%	31,56%
2010	1.695.269	357	1.287	1.197.165	496.460	2,43%	1,42%	4,97%	29,29%
2009	1.654.981	279	1.192	1.180.558	472.952				28,58%

As matrículas na Educação Infantil das escolas privadas apresentaram um aumento de 4,3%, em relação a 2017. Esse segmento tem apresentado crescimento desde 2010. Vale destacar que a participação de mercado da escola privada aumentou mais de 60% nos últimos 10 anos.

Matrículas – Ensino Fundamental

Ano	Ensino Fundamental - Regular (Anos iniciais e finais)					Crescimento Geral	Crescimento da Escola Pública	Crescimento da Escola Privada	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	5.272.950	238	1.948.946	2.237.582	1.086.184	1,75%	1,72%	1,87%	20,60%
2017	5.182.441	232	1.901.751	2.214.167	1.066.291	-3,02%	-3,40%	-1,53%	20,58%
2016	5.343.661	230	1.976.041	2.284.557	1.082.833	0,19%	-0,71%	3,87%	20,26%
2015	5.333.680	213	2.022.141	2.268.886	1.042.440	-3,02%	-4,07%	1,52%	19,54%
2014	5.499.971	197	2.180.111	2.292.860	1.026.803	-2,40%	-3,38%	2,13%	18,67%
2013	5.635.164	190	2.332.719	2.296.856	1.005.399	-2,27%	-3,18%	2,19%	17,84%
2012	5.765.903	203	2.447.074	2.334.747	983.879	-2,07%	-2,87%	2,02%	17,06%
2011	5.887.722	216	2.563.326	2.359.825	964.355	-1,64%	-2,47%	2,84%	16,38%
2010	5.985.884	232	2.637.107	2.410.776	937.769	-1,19%	-2,04%	3,69%	15,67%
2009	6.057.884	231	2.720.685	2.432.559	904.409				14,93%

Ano	Ensino Fundamental - Regular Anos iniciais					Crescimento Geral	Crescimento da Escola Pública	Crescimento da Escola Privada	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	2.972.480	238	622.449	1.710.680	639.113	0,40%	0,07%	1,61%	21,50%
2017	2.960.669	232	612.987	1.718.480	628.970	-1,31%	-1,49%	-0,63%	21,24%
2016	2.999.951	230	621.349	1.745.432	632.940	0,91%	-0,62%	7,09%	21,10%
2015	2.972.846	213	635.590	1.746.012	591.031	-0,10%	-0,72%	2,49%	19,88%
2014	2.975.882	197	649.732	1.749.280	576.673	3,58%	3,44%	4,19%	19,38%
2013	2.872.896	190	632.891	1.686.347	553.468	-1,08%	-2,10%	3,44%	19,27%
2012	2.904.189	203	663.646	1.705.300	535.040	-2,00%	-2,97%	2,55%	18,42%
2011	2.963.506	216	714.133	1.727.436	521.721	-2,58%	-3,75%	3,31%	17,60%
2010	3.041.879	232	757.430	1.779.221	504.996	-3,85%	-5,20%	3,60%	16,60%
2009	3.163.602	231	850.347	1.825.584	487.440				15,41%

Ano	Ensino Fundamental - Regular Anos finais					Crescimento Geral	Crescimento da Escola Pública	Crescimento da Escola Privada	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	2.300.470	0	1.326.497	526.902	447.071	3,54%	3,86%	2,23%	19,43%
2017	2.221.772	0	1.288.764	495.687	437.321	-5,20%	-5,77%	-2,79%	19,68%
2016	2.343.710	0	1.354.692	539.125	449.893	-0,73%	-0,82%	-0,34%	19,20%
2015	2.360.834	0	1.386.551	522.874	451.409	-6,47%	-7,93%	0,28%	19,12%
2014	2.524.089	0	1.530.379	543.580	450.130	-8,62%	-10,23%	-0,40%	17,83%
2013	2.762.268	0	1.699.828	610.509	451.931	-3,48%	-4,25%	0,69%	16,36%
2012	2.861.714	0	1.783.428	629.447	448.839	-2,14%	-2,77%	1,40%	15,68%
2011	2.924.216	0	1.849.193	632.389	442.634	-0,67%	-1,18%	2,28%	15,14%
2010	2.944.005	0	1.879.677	631.555	432.773	1,72%	1,37%	3,79%	14,70%
2009	2.894.282	0	1.870.338	606.975	416.969				14,41%

No Ensino Fundamental, as matrículas da escola privada apresentam pequeno crescimento. Em 2018, observa-se um aumento de 1,87 ponto porcentual, se comparados a 2017, saindo de 1.066.291 em 2017, para 1.086.184 em 2018. A participação de mercado aumentou nos últimos 10 anos, passando de 14,93% para 20,60%.

Matrículas – Ensino Médio

Ano	Ensino Médio - Regular					Crescimento Geral	Crescimento da Escola Pública	Crescimento da Escola Privada	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2108	1.618.053	8.564	1.333.090	20.698	255.701	-9,10%	-9,98%	-4,09%	15,80%
2017	1.779.941	6.229	1.485.444	21.650	266.618	-4,42%	-4,44%	-4,33%	14,98%
2016	1.862.280	4.529	1.556.752	22.326	278.673	0,64%	0,99%	-1,31%	14,96%
2015	1.850.513	3.514	1.541.963	22.655	282.381	-4,01%	-4,64%	-0,39%	15,26%
2014	1.927.855	2.636	1.617.899	23.827	283.493	1,92%	1,78%	2,72%	14,71%
2013	1.891.609	2.979	1.588.185	24.470	275.975	0,34%	0,12%	1,66%	14,59%
2012	1.885.107	1.217	1.588.819	23.592	271.479	0,65%	-0,11%	5,42%	14,40%
2011	1.872.887	1.483	1.590.929	22.957	257.518	1,81%	1,55%	3,48%	13,75%
2010	1.839.535	1.781	1.567.127	21.769	248.858	4,68%	5,01%	2,60%	13,53%
2009	1.757.344	1.721	1.492.642	20.432	242.549				13,80%



No Ensino Médio, a escola privada em 2018 apresenta, pelo quarto ano consecutivo, menor número de matrículas. Como a queda de alunos da escola pública foi superior, a participação de mercado da escola privada apresentou aumento, saindo de 14,98% para 15,80%. Ao longo dos últimos 10 anos o número de alunos do ensino médio da escola privada variou em torno de 5%.

Matrículas – Educação Profissional

Ano	Educação Profissional					Crescimento Geral	Crescimento da Escola Pública	Crescimento da Escola Privada	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	429.697	16.694	173.991	19.963	219.049	1,01%	1,96%	0,11%	50,98%
2017	425.403	15.017	171.620	19.953	218.813	0,55%	1,84%	-0,63%	51,44%
2016	423.064	13.006	168.448	21.408	220.202	0,40%	0,60%	0,21%	52,05%
2015	421.391	12.647	169.844	19.170	219.730	6,19%	26,37%	-7,39%	52,14%
2014	396.826	7.579	138.940	13.056	237.251	10,41%	-4,53%	23,39%	59,79%
2013	359.427	8.309	146.370	12.463	192.285	0,69%	-1,90%	3,05%	53,50%
2012	356.962	5.973	151.520	12.878	186.591	3,80%	3,44%	4,13%	52,27%
2011	343.902	3.759	146.036	14.911	179.196	4,47%	10,50%	-0,52%	52,11%
2010	329.180	3.726	130.368	14.957	180.129	4,53%	5,06%	4,09%	54,72%
2009	314.919	3.557	122.560	15.753	173.049				54,95%

Na Educação Profissional cresceu o número de matrículas da escola privada. Se em 2017 ocorreu uma queda, em 2018 o segmento avançou, saindo de 218.813 para 219.049 alunos, o que permitiu uma pequena variação anual de 0,11%.



Matrículas – Educação de Jovens e Adultos

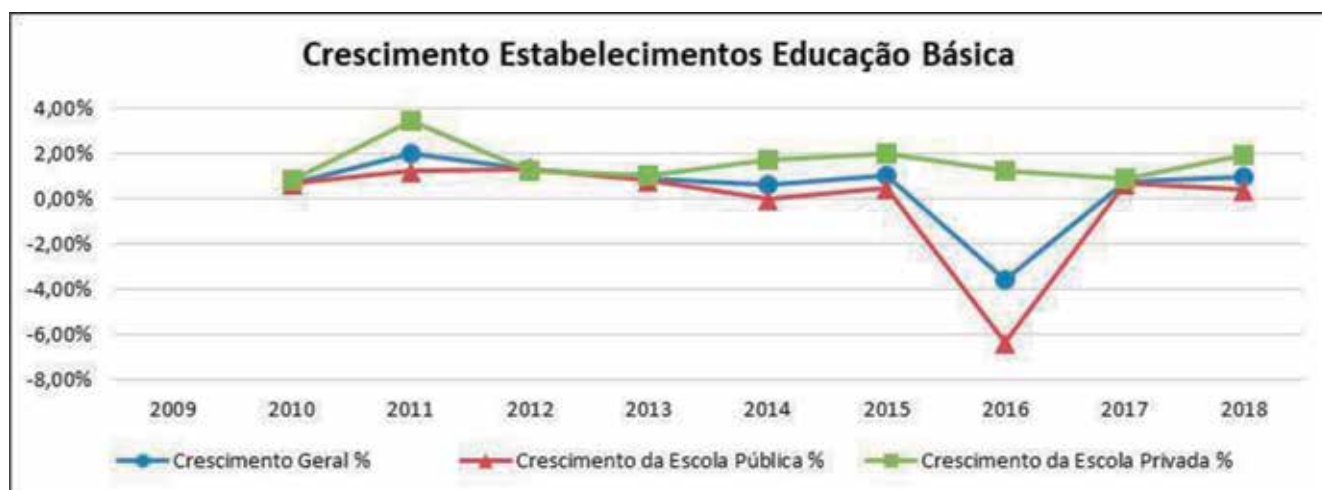
Ano	Educação de Jovens e Adultos					Crescimento Geral	Crescimento da Escola Pública	Crescimento da Escola Privada	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	440.136	323	290.038	131.181	18.594	1,37%	0,22%	36,98%	4,22%
2017	434.190	247	278.852	141.517	13.574	-3,07%	-2,05%	-26,81%	3,13%
2016	447.962	232	282.501	146.682	18.547	-1,62%	6,98%	-65,61%	4,14%
2015	455.339	178	255.922	145.315	53.924	2,69%	-8,57%	1139,63%	11,84%
2014	443.393	170	278.553	160.320	4.350	-4,18%	-3,89%	-26,40%	0,98%
2013	462.738	178	282.145	174.505	5.910	-3,98%	-4,06%	2,53%	1,28%
2012	481.900	285	289.633	186.218	5.764	-5,78%	-5,75%	-90,85%	1,20%
2011	511.437	259	301.415	203.497	62.992	-15,61%	-15,67%	800,92%	12,32%
2010	606.029	328	375.370	223.339	6.992	-23,69%	-23,24%	-49,09%	1,15%
2009	794.129	300	523.163	256.931	13.735				1,73%

No que diz respeito à educação de jovens e adultos, a escola privada apresentou crescimento. Tinha em 2017 cerca de 13.500 alunos, e passou a contar com cerca de 18.600 em 2018, saindo de uma participação pouco superior a 3,00%, para 4,22% do mercado, no segmento.



Estabelecimentos de Ensino

Ano	Estabelecimentos de Ensino - Educação Básica					Crescimento Geral %	Crescimento da Escola Pública %	Crescimento da Escola Privada %	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	27.976	39	5.322	11.833	10.782	0,99%	0,40%	1,95%	38,54%
2017	27.701	37	5.334	11.754	10.576	0,78%	0,71%	0,90%	38,18%
2016	27.486	34	5.344	11.626	10.482	-3,62%	-6,38%	1,23%	38,14%
2015	28.517	32	5.690	12.440	10.355	1,05%	0,51%	2,02%	36,31%
2014	28.220	29	5.666	12.375	10.150	0,61%	-0,03%	1,76%	35,97%
2013	28.049	29	5.616	12.430	9.974	0,91%	0,84%	1,02%	35,56%
2012	27.797	27	5.609	12.288	9.873	1,32%	1,35%	1,27%	35,52%
2011	27.434	23	5.591	12.071	9.749	2,03%	1,25%	3,48%	35,54%
2010	26.888	13	5.514	11.940	9.421	0,73%	0,67%	0,83%	35,04%
2009	26.694	13	5.610	11.728	9.343				35,00%





Nos últimos 10 anos, verifica-se uma variação mínima no número de estabelecimentos privados de Educação Básica no estado de São Paulo. Constatado um crescimento considerável de matrículas, tal situação pode indicar a consolidação das escolas com melhor gestão. As tabelas, a seguir, mostram o total de estabelecimentos de ensino e os segmentos oferecidos, sendo que uma escola que ofereça mais de um segmento é contada mais de uma vez.

Estabelecimentos de Ensino – Educação Infantil

Ano	Estabelecimentos de Ensino - Educação Infantil					Crescimento Geral % (Ano a Ano)	Crescimento da Escola Pública %	Crescimento da Escola Privada %	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	16.947	2	26	8.195	8.724	1,39%	0,99%	1,77%	51,48%
2017	16.714	2	27	8.113	8.572	1,64%	1,57%	1,70%	51,29%
2016	16.445	2	26	7.988	8.429	2,51%	1,42%	3,58%	51,26%
2015	16.042	1	27	7.876	8138	-1,69%	-6,66%	3,67%	50,73%
2014	16.318	2	44	8.422	7.850	1,10%	0,86%	1,36%	48,11%
2013	16.141	2	42	8.352	7.745	2,05%	2,03%	2,08%	47,98%
2012	15.816	2	47	8.180	7.587	2,24%	2,80%	1,65%	47,97%
2011	15.469	2	42	7.961	7.464	3,10%	1,51%	4,86%	48,25%
2010	15.004	2	40	7.844	7.118	1,74%	1,68%	1,82%	47,44%
2009	14.747	2	38	7.716	6.991				47,41%

Uma vez que as matrículas da Educação Infantil indicam um aumento na escola privada, houve também um aumento de estabelecimentos que oferecem o segmento. No período 2017/2018, 152 estabelecimentos passaram a oferecer Educação Infantil no estado de São Paulo.

Estabelecimentos de Ensino – Ensino Fundamental

Ano	Estabelecimentos de Ensino - Ensino Fundamental					Crescimento Geral % (Ano a Ano)	Crescimento da Escola Pública %	Crescimento da Escola Privada %	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	14.169	1	4.492	5.146	4.530	-0,30%	-0,86%	0,94%	31,97%
2017	14.211	1	4.573	5.149	4.488	-0,11%	-0,18%	0,07%	31,58%
2016	14.226	1	4.603	5.137	4.485	-6,70%	-9,51%	0,07%	31,53%
2015	15.247	1	4.864	5.900	4.482	2,63%	0,03%	9,45%	29,40%
2014	14.857	1	4.863	5.898	4.095	-0,62%	-0,83%	-0,07%	27,56%
2013	14.950	1	4.869	5.982	4.098	-0,32%	-0,33%	-0,29%	27,41%
2012	14.998	1	4.888	5.999	4.110	0,83%	0,69%	1,18%	27,40%
2011	14.875	1	4.818	5.994	4.062	-0,07%	-0,54%	1,20%	27,31%
2010	14.886	1	4.847	6.024	4.014	-0,94%	-1,91%	1,80%	26,96%
2009	15.027	2	5.002	6.080	3.943				26,24%

No que tange ao Ensino Fundamental, o período 2017/2018 aponta crescimento de 0,94% do número de escolas privadas. Considerando o aumento de 1,87% do número de matrículas e o crescimento do número de estabelecimentos, é possível que seja um indicativo de melhoria de rentabilidade.

Estabelecimentos de Ensino – Ensino Médio

Ano	Estabelecimentos de Ensino - Ensino Médio					Crescimento Geral % (Ano a Ano)	Crescimento da Escola Pública %	Crescimento da Escola Privada %	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	6.278	36	3.823	50	2.369	-0,19%	-0,48%	0,30%	37,73%
2017	6.290	32	3.840	56	2.362	0,13%	0,36%	-0,25%	37,55%
2016	6.282	24	3.829	61	2.368	-2,53%	-4,56%	1,02%	37,70%
2015	6.445	15	4.016	70	2.344	1,08%	1,06%	1,12%	36,37%
2014	6.376	10	3.984	64	2.318	0,73%	0,27%	1,53%	36,36%
2013	6.330	14	3.967	66	2.283	0,62%	0,40%	1,02%	36,07%
2012	6.291	5	3.961	65	2.260	2,38%	2,86%	1,53%	35,92%
2011	6.145	6	3.846	67	2.226	2,09%	1,29%	3,53%	36,22%
2010	6.019	5	3.798	66	2.150	1,62%	1,31%	2,19%	35,72%
2009	5.923	5	3.752	62	2.104				35,52%

Os estabelecimentos de Ensino Médio variaram muito pouco no período 2017/2018. Considerando os últimos 10 anos, houve um crescimento de 12,6% no número de escolas que oferecem Ensino Médio.

Estabelecimentos de Ensino – Educação Profissional

Ano	Estabelecimentos de Ensino - Educação Profissional					Crescimento Geral % (Ano a Ano)	Crescimento da Escola Pública %	Crescimento da Escola Privada %	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	1.033	37	208	60	728	-3,10%	0,33%	-4,46%	70,47%
2017	1.066	35	204	65	762	-6,65%	-6,17%	-6,85%	71,48%
2016	1.142	32	208	84	818	-10,85%	-2,70%	-13,71%	71,63%
2015	1.281	30	234	69	948	3,39%	8,47%	1,72%	74,00%
2014	1.239	26	229	52	932	5,18%	1,32%	6,51%	75,22%
2013	1.178	26	222	55	875	-4,38%	0,00%	-5,81%	74,28%
2012	1.232	24	224	55	929	-1,75%	3,77%	-3,43%	75,41%
2011	1.254	19	214	59	962	-0,08%	4,29%	-1,33%	76,71%
2010	1.255	10	209	61	975	2,53%	17,65%	-1,12%	77,69%
2009	1.224	10	170	58	986				80,56%

As escolas particulares de Educação Profissional tiveram sensível perda em 2018, assim como nos dois anos anteriores. Comparativamente a 2015, o número de estabelecimentos de ensino que ofertam Educação Profissional diminuiu em 220 unidades. São Paulo conta hoje com 728 escolas de Educação Profissional, 34 a menos do que em 2017.





As escolas particulares de Educação Profissional tiveram sensível perda em 2018, assim como nos dois anos anteriores. Comparativamente a 2015, o número de estabelecimentos de ensino que ofertam Educação Profissional diminuiu em 220 unidades. São Paulo conta hoje com 728 escolas de Educação Profissional, 34 a menos do que em 2017.

Estabelecimentos de Ensino – Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Ano	Estabelecimentos de Ensino - Educação de Jovens e Adultos					Crescimento Geral % (Ano a Ano)	Crescimento da Escola Pública %	Crescimento da Escola Privada %	Participação da Escola Privada
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada				
2018	2.339	7	1.193	1.077	62	-1,18%	-0,48%	-21,52%	2,65%
2107	2.367	4	1.166	1.118	79	24,78%	33,18%	-55,87%	3,34%
2016	1.897	1	540	1.177	179	-33,65%	-33,92%	-30,89%	9,44%
2015	2.859	3	1.323	1.274	259	0,74%	-7,04%	531,71%	9,06%
2014	2.838	3	1.407	1.387	41	-8,36%	-7,78%	-35,94%	1,44%
2013	3.097	3	1.446	1.584	64	-5,55%	-5,22%	-18,99%	2,07%
2012	3.279	3	1.517	1.680	79	-7,03%	-6,98%	-9,20%	2,41%
2011	3.527	3	1.700	1.737	87	-12,07%	-11,98%	-15,53%	2,47%
2010	4.011	3	2.030	1.875	103	-9,42%	-8,90%	-25,36%	2,57%
2009	4.428	3	2.347	1.940	138				3,12%

Os estabelecimentos privados de EJA acompanharam as matrículas. Nota-se uma diminuição de 17 estabelecimentos com oferta dessa modalidade, totalizando 62 estabelecimentos em 2018. ●

Distribuição de alunos por Regional - SIEESP

Regional	Federal		Estadual		Municipal		Privada	
	2017	2018	2017	2018	2017	2018	2017	2018
1 ABCD	0	0	271.262	265.443	190.168	190.953	137.475	137.197
2 Araçatuba	356	531	44.237	43.891	53.006	55.153	27.572	29.851
3 Bauru	0	0	89.052	88.245	68.512	68.367	46.956	47.098
4 Campinas	2.109	2.710	516.260	505.380	562.975	567.105	296.650	300.353
5 Capital	1.924	2.277	1.065.976	1.025.939	739.824	753.053	929.366	956.847
6 Guarulhos	1.008	1.204	329.811	326.553	260.115	257.577	130.807	136.236
7 Marília	102	164	67.366	64.771	71.377	71.101	33.205	33.651
8 Osasco	0	0	302.710	295.800	353.237	356.360	125.128	127.221
9 Presidente Prudente	674	634	43.990	42.189	45.611	45.884	26.241	26.494
10 Ribeirão Preto	1.695	2.084	238.152	234.742	258.548	258.742	145.984	150.187
11 Santos	1.098	1.304	147.903	146.897	233.123	235.290	94.346	95.871
12 São José do Rio Preto	816	854	70.466	67.729	95.505	98.919	56.596	56.888
13 São José dos Campos	2.929	2.515	156.892	155.768	232.701	242.285	114.971	118.423
14 Sorocaba	3.061	3.190	217.453	213.152	260.467	262.348	97.780	98.826

Fontes: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira – Sinopse estatística da Educação Básica 2018

Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>

IBGE: <agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23886-pib-cresce-1-1-em-2018-e-fecha-ano-em-r-6-8-trilhoes>

Ranking das cidades com mais nascimentos: <https://santoandre.biz/13058/ranking-cidades-mais-nascimentos-estado-sp/>

-  /minsaude
-  /minsaude
-  /MinSaudeBR
-  /minsaude
-  /ministeriodasaude
-  #SóComCamisinha

Gonorreia imagens



SEM CAMISINHA,

VOCÊ ASSUME

O RISCO DE PEGAR

UMA INFECÇÃO

SEXUALMENTE

TRANSMISSÍVEL – IST



Use camisinha para não pegar herpes, sífilis, gonorreia, HPV, HIV, hepatites ou ter uma gravidez não planejada. Se notar algum sintoma, procure uma Unidade de Saúde e faça o teste.

Saiba mais em saude.gov.br/ist

DISQUE
SAÚDE
136



MINISTÉRIO DA
SAÚDE





AGENDA DE OBRIGAÇÕES

• JANEIRO DE 2020 •

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • 07/01/2020 SALÁRIOS - ref. 12/2019
E-Social (Doméstica) - ref. 12/2019
FGTS - ref. 12/2019
CAGED - ref. 12/2019 • 10/01/2020 ISS (Capital) - ref. 12/2019
EFD - Contribuições - ref. 11/2019 | <ul style="list-style-type: none"> • 20/01/2020 INSS (Empresa) - ref. 12/2019
PIS - Folha de Pagamentos - ref. 12/2019
SIMPLES NACIONAL - ref. 12/2019
COFINS - Faturamento - ref. 12/2019
PIS - Faturamento - ref. 12/2019 • 30/01/2020 IRPJ - (Mensal) - ref. 12/2019
CSLL - (Mensal) - ref. 12/2019 |
|---|--|

Dados fornecidos pela HELP - Administração e Contabilidade • helpescola@helpescola.com.br • (11) 3399-5546 / 3399-4385

Panetones da Sobei



**COMPRE
JÁ!**

Leve para sua Família o sabor da fraternidade!

O CEDESP da Sobei está preparando deliciosos panetones para adoçar o seu Natal, toda renda será destinada a manutenção de nossas creches.



SOBEI
SOCIEDADE BENEFICENTE EQUILIBRIO DE INTERLAGOS

Peça pelos telefones:
(11) 5666.4543 ou (11) 98502.5816



SIEESP - CURSOS DE JANEIRO

CURSOS PRESENCIAIS DE CURTA DURAÇÃO

CÓD.	DATA	HORÁRIO	CURSO	PALESTRANTE
CURSOS ÁREA PEDAGÓGICA				
6070	13	13h30 às 17h30	A ALEGRIA DE BRINCAR, CRIAR E RECRIAR	ANA MARIA ALOISE KACHVARTANIAN
6071	13	8h às 12h	O CONTO E O ENCONTRO COM OS HERÓIS - OS ESTILOS DE APRENDIZAGEM E A ARTE (TERAPIA)	LÍDIA LACAVA E PAULA RUIO FURTADO
6072	14	8h às 12h	A CONSTRUÇÃO DA MATEMÁTICA ATRAVÉS DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	RENATA AGUILAR
6073	14	8h às 12h	RODAS E BRINCADEIRA CANTADAS	GISELA BIANCA BATISTA
6074	14	13h30 às 17h30	A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A BNCC	RENATA AGUILAR
6075	14	13h30 às 17h30	HISTÓRIAS SAINDO DO FORNO	CHRISTYANNE G. PAES DE BUENO
6076	15	8h às 16h	BRINCANDO COM A PSICOMOTRICIDADE NA ALFABETIZAÇÃO	VANIA MARIA CAVALLARI
6077	15	8h às 16h	COMO AS PESSOAS APRENDEM. QUAL É O SEU MODELO DE APRENDIZAGEM?	CARLA CRISTINA FERREIRA HAMMES
6078	16 e 17	8h às 16h	AS FASES DO DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO - O DESENHO E A ESCRITA - INTERVENÇÕES ATRAVÉS DA PSICOMOTRICIDADE E DA ARTE	LÍDIA LACAVA E LUCY GODOY
6079	16	8h às 17h	QUAIS OS TERRITÓRIOS DA LETURA?	REBECA GELSE RODRIGUES
6080	16	8h às 16h	HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO 4.0	CARLA CRISTINA FERREIRA HAMMES
6081	17	8h às 12h	OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO – A ARTE DE ALFABETIZAR ATRAVÉS DE JOGOS E HISTÓRIAS	RENATA AGUILAR
6082	17	8h às 17h	TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	FABIOLA DOBRILLOVICH RODRIGUES
6083	17	13h30 às 17h30	EDUCAÇÃO FÍSICA AFETIVA E O BNCC– UMA PROPOSTA DIFERENCIADA	RENATA AGUILAR
6084	20	8h às 12h	A ALFABETIZAÇÃO E A ANSIEDADE DE PAIS, ALUNOS E PROFESSORES	FABIOLA DOBRILLOVICH RODRIGUES
6085	20	8h às 12h	ASPECTOS DA APRENDIZAGEM, MEMÓRIA E ATENÇÃO NA NEUROCIÊNCIA	THAIS FARIA COELHO
6086	20	8h às 17h	ESTIMULANDO E APERFEIÇOANDO A PRAXIA FINA	GISELA BIANCA BATISTA
6087	20	13h30 às 17h30	DISLEXIA, DISCALCULIA E DISGRAFIA: COMO IDENTIFICAR E TRABALHAR COM ESTES TRANSTORNOS EM SALA DE AULA.	FABIOLA DOBRILLOVICH RODRIGUES
6088	20	13h30 às 17h30	JOGOS PARA ATIVAÇÃO CEREBRAL DAS ÁREAS DE LEITURA, LINGUAGEM E LÓGICA	THAIS FARIA COELHO
6089	21	8h às 12h	OFICINA DE ORIGAMI "ILUSTRANDO CONTOS, FÁBULAS E LENDAS"	LEILA MARIA GRILLO
6090	21	8h às 12h	VOLTA ÀS AULAS COM PIC TOTAL	GABRIELA MANZANO GERALDINI ANTONANGELI
6091	21	13h30 às 17h30	O ORIGAMI EM MOVIMENTO NA SALA DE AULA: "CRIATIVIDADE, EXPRESSÃO E SENSIBILIDADE"	LEILA MARIA GRILLO
6092	21	13h30 às 17h30	"METODOLOGIA INOVADORA DA BNCC"	ROSI MORAES
6093	21	13h30 às 17h30	OFICINA: VAMOS CIRANDAR?	GABRIELA MANZANO GERALDINI ANTONANGELI
6094	22	8h às 12h	DINAMIZANDO A SALA DE AULA	ROBSON ALVES DOS SANTOS
6095	22	13h30 às 17h30	HUMOR, EMPATIA E COMPORTAMENTO ENTENDENDO O ALUNO EM SALA DE AULA	CARLA VERNA
6096	22	13h30 às 17h30	OFICINA DE JOGOS E BRINCADEIRAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA	ROBSON ALVES DOS SANTOS
6097	22	13h30 às 17h30	RODAS, BRINCADEIRAS CANTADAS E DANÇAS RECREATIVAS	EDINHO PARAQUASSU
6098	23	8h às 12h	WORKSHOP: GAMIFICAÇÃO E BNCC	DR. PASH LOMAN
6099	23	8h às 17h	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A EDUCAÇÃO INFANTIL. OFICINA PRÁTICA DE TRABALHO	DIVANI ALBUQUERQUE NUNES
6100	23	13h30 às 17h30	OFICINA DE INOVAÇÃO E DINAMIZAÇÃO PARA REUNIÕES DE PLANEJAMENTO	ROBSON ALVES DOS SANTOS
6101	23	13h30 às 17h30	MOVIMENTOS E BRINCADEIRAS CANTADAS	JONATHAS CESAR MULLER
6102	24	8h às 17h	HISTÓRIAS PARA ALFABETIZAR... ALFABETIZAÇÃO PELO MÉTODO FÔNICO	TAYZ LUCAS DE OLIVEIRA SOUZA

Confirmar a presença sempre com antecedência.

CURSOS PRESENCIAIS MODULARES

CÓD.	QTDE. MÓDULOS	HORÁRIO	CURSOS	PALESTRANTE
6061	IV	8h às 16h	DISTÚRBIOS NA APRENDIZAGEM DISLEXIA, DISORTOGRAFIA, DISGRAFIA, TDAH E AGRESSIVIDADE Mód. I e Mód. II- 14 jan / Mód. III e Mód. IV- 15 jan	LÍDIA LACAVA

LEGENDA

M: manhã (8h às 12h) / T: tarde (13h30 às 17h30) / N: noite (18h às 21h30)

LOCAL: SEDE DO SIEESP - Rua Benedito Fernandes, 137 - SANTO AMARO - SÃO PAULO/SP

Informações e inscrições: (11) 5882-8800

CURSOS ONLINE - EAD

CURSO	PALESTRANTE
FORMAÇÃO EM SECRETARIA ESCOLAR - INSCRIÇÕES => http://www.atlasia.com.br/ead-secretaria.php	CLAUDIA MARIA DE OLIVEIRA
TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM - INSCRIÇÕES => http://www.atlasia.com.br/ead-branstornos.php	NADIA BOSSA
EDUCAÇÃO PELA PESQUISA - INSCRIÇÕES => http://www.atlasia.com.br/ead-educacaopesquisa.php	PEDRO DEMO
EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCOLA - INSCRIÇÕES => http://www.atlasia.com.br/ead-educacaocientifica.php	MARCOS PRES LEOBORDO
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR - INSCRIÇÕES => http://www.atlasia.com.br/ead-avaliacao.php	CEFRANO LUCRESI

PÓS-GRADUAÇÕES - SEMI-PRESENCIAIS

PÓS-GRADUAÇÕES EM GESTÃO DE PESSOAS E METODOLOGIAS ATIVAS

Acesso: <https://fundacaoatlasia.org.br/sieesp-pos-graduacao/>

PÓS-GRADUAÇÕES - ONLINE

O SIEESP OFERECE BOLSAS DE ESTUDO PARA CURSOS ONLINE DE PÓS-GRADUAÇÃO

Acesso: www.sieesp.com.br/index.php?page=pos-graduacao

MAPEAMENTO DE DADOS PARA A LGPD

SUA INSTITUIÇÃO DE ENSINO ESTÁ
PREPARADA PARA ESSE DESAFIO?



A **Advice System** oferece à sua instituição de ensino uma consultoria completa, auxiliando-o nas questões que envolvem o mais novo desafio para as instituições: a **Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)**.

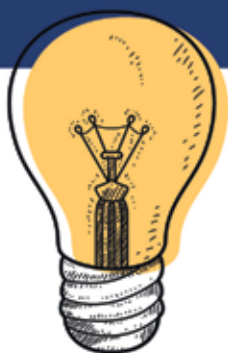
Entre em contato agora mesmo e saiba mais!

📞 11 9 7545-5428 | 11 3513-5075
comercial@advicesystem.com.br
www.advicesystem.com.br
📱 @advicesystem



MUITO MAIS QUE CONTABILIDADE

Soluções completas para sua Instituição de Ensino



**CONTÁBIL
E FISCAL**

PLANO DE CONTAS
CONFORME PERSONALIDADE
JURÍDICA E REGIME
TRIBUTÁRIO



FORNECIMENTO DE
RELATÓRIOS E
DEMONSTRAÇÕES
CONTÁBEIS



CONTROLE DE DESPESAS E
RECEITAS, ATRAVÉS DE
BALANÇOS E BALANCETES
GERADOS POR CENTROS DE
CUSTOS



SISTEMA PARAMETRIZADO
PARA O SPED CONTÁBIL
E FISCAL



REVISÃO DE
OBRIGAÇÕES
ACESSÓRIAS



ANTECIPAÇÃO DAS
INFORMAÇÕES AOS
CLIENTES, PARA UMA
MELHOR TOMADA DE
DECISÃO



ANÁLISE E REVISÃO DE
ENQUADRAMENTO TRIBUTÁRIO



EMISSÃO DE TRIBUTOS E
ESCRITURAÇÃO DE LIVROS
(FÍSICOS E DIGITAIS)



A CREDIBILIDADE QUE VOCÊ PROCURA COM A QUALIDADE QUE VOCÊ PRECISA

Solicite a apresentação completa

 11 9 9954-3594



Gestão e Soluções
para Instituições de Ensino

www.meirafernandes.com.br
comercial@meirafernandes.com.br

11 3513-5000
 [meirafernandesoficial](https://www.facebook.com/meirafernandesoficial)